

Diario de Lisboa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANZO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES / Direcção: T. 152
Redacção: T. 153 e 154
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

DA nossa illustre redactora sr.ª D. Irene de Vasconcelos, que se encontra actualmente em Roma, recebemos a seguinte carta, a proposito do artigo que há dias escreveu sob o titulo de "Portoghesei,":

Meu Ex.º Amigo — Só depois de ter escrito o meu artigo, intitulado "Portoghesei,," é que tive occasião de falar com o sr. dr. Trindade Coelho, que estava doente, quando aqui cheguei. Só agora, portanto, posso informar os leitores do *Diario de Lisboa* de que o nosso ministro junto do Quirinal já em devido tempo fez as necessarias "demarches," para que a Imprensa de Roma não mais empregasse a palavra "portoghesei," naquele significado que tanto nos magoa e entristece.

Noticias recebidas agora de Nápoles provam que as ordens dadas aos Consules pelo sr. dr. Trindade Coelho têm sido cumpridas. Tendo o jornal "Roma," daquella cidade empregado mais uma vez esse termo, referindo-se ás pessoas que obtêm bilhetes de favor para entrar nos teatros, o nosso Consul não hesitou em escrever ao director do jornal, protestando com dignidade e firmeza.

A carta foi publicada na integra e o "Giornale degli artisti," consagra-lhe um artigo verdadeiramente interessante.

Aprovando duma maneira absoluta o procedimento do nosso Consul, o jornalista aproveita a occasião para evocar o passado glorioso do nosso pais e mostrar o quanto a civilização nos deve. Ao mesmo tempo, lamenta que os Consules italianos não tivessem procedido da mesma maneira, quando, antes da marcha sobre Roma, a Imprensa de todo o mundo insultava os italianos, chamando-lhes "mandolinisti," e "maccheroni."

Creio, meu Ex.º Amigo, que é necessario dar estas informações aos leitores do seu jornal para que todos saibam que o nosso ministro junto do Quirinal, que com tanto brilho e intelligencia está representando o Pais, soube, ainda neste caso, tomar as providencias necessarias. E o consul de Nápoles merece tambem os nossos aplausos por ter sabido cumprir as ordens do Ministro. — De V. etc., Irene de Vasconcelos.

POR iniciativa do sr. Pires Avelanoso, illustre colonialista, vai abrir-se concurso entre os nossos escritores, para apresentação de monografias sobre o Palácio da Ega, onde se está instalando o Arquivo Geral das Colonias.

Factos importantissimos da nossa historia — revolução de 1640, invasões francesas, conspiração de Gomes Freire de Andrade, etc. — serão assim restabelecidos na atmosfera em que se prepararam, arrancando-se ao nebuloso muitas figuras que ainda aguardam o juizo dos historiadores.

UM grupo de amigos e grandes admiradores do pintor Columbano convidará em breve todos os portugueses a reunir-se em data e local que serão oportunamente designados, a fim de se representar ao Governo acerca do glorioso artista e benemerito patriota abrangido pela lei que o aposentou.

O ANTIGO consul sr. Julio do Amaral acaba de publicar, com o titulo de "As Possessões Portuguesas," e sub-titulo de "Possibilidades de uma Conjederação Económica Luso-Brasileira," uma patriótica conferencia illustrada com 25 gravuras e prefaciada pelo prof. Francisco Antonio Correia.

Um aniversario

Passa amanhã o 8.º aniversario do *Diario de Lisboa* que uma intenção simpatica e generosa fez nascer e que um labor porfiado e honesto animou, sem um desfalecimento.

A vida dos jornais, principalmente numa epoca como a nossa em que tudo se refunde ou se remodela, exige um consumo de energia nervosa que as outras profissões desconhecem.

O respeito que devemos á verdade não a sacrificando a paixões nem a interesses vis, mas defendendo-a contra os que pretendem torna-la a andorinha do seu campanario, nem sempre nos trouxe alegria.

Muitas pessoas que transportam na cabeça o plano dum grande jornal, com um desprendimento dos bens da terra que tanto os honra, bastantes vezes têm querido comunicar-nos as suas sugestões e alvitres, para que o *Diario de Lisboa* seja o orgão das suas ambições — em busca duma varanda.

Com profunda magua nossa não acedemos nunca a tais desejos, porque este jornal só aspira a correr uma aventura — a de ser fiel ao seu programa — o programa da sua fundação — do qual não consta que, além da sua fé de português, ele possa advogar credos cuja infidelidade ao bem da Patria se denuncia no arruído com que vêm á praça.

O *Diario de Lisboa*, não desambiciona triunfos ou exitos espalhafatosos, pois se limita a trabalhar pelos seus progressos, em harmonia com a linha do dever jornalístico. Mantem este orgulho singular — não esboçou nunca o gesto de desarrumar seja quem fôr da posição que legitimamente adquiriu. Todas as iniciativas lhe merecem aplauso, desde que não sejam a mascara de qualquer manejo cauteloso. Pudessemos nós dizer o mesmo acêrca das amáveis perfidias ou das desembestadas insolencias que nos rondaram ou alvejaram...

Em oito anos de trabalho e luta parasermos logicos e coherentes com a nossa dignidade e com o amor que devemos á Republica, encontrámos a nosso lado amidades e dedicações que jamais esqueceremos e que pela isenção dos seus intuitos são de molde a convencer-nos de que o homem é superior á cronica das suas misérias.

O publico, que, desde a primeira hora, nos manifestou as suas simpatias, continúa ao nosso lado, bem convencido de que não trairemos a confiança que nos concedeu. O *Diario de Lisboa*, já que não pertence a partido, escola ou capela, orgulha-se com a sua independencia, na certeza de que ella é apreciada pelos seus leitores que preferem pairar acima das desavenças e dos conflitos que empenhar-se neles.

E como neste baixo mundo não faltam criaturas que se impoleiram nos seus odios, sem reparar que todo o rancor é uma privação da liberdade, nós que não invejamos a gloria dos energumenos confiamos no tempo que se encarrega de dar a cada um a justiça que lhe é devida.

De que serve apedrejar um adversario ou maltratar um amigo, se no dia seguinte, passada a furia momentanea, nós sentimos que nos excedemos, que fomos desleais á nossa consciencia?

Diario de Lisboa de hoje
tem 24 paginas.

MERECE ser lida pelas entidades competentes a carta que a seguir publicamos:

"Sr. director. — Afirmou-se que a iluminação publica da cidade ia ser melhorada. De facto, já nesse sentido se fez alguma coisa muito para louvar nas principais ruas de Lisboa. A verdade, porém, é que as outras arterias, as de mais modesta condição, longe de serem beneficiadas, estão sendo, pelo contrario, bastante prejudicadas, com a substituição que se está fazendo das antigas lanternas por uns arcos munidos de uma lampada, que não permitem a irradiação da luz para os lados, reduzindo assim a 50 % a já fraca iluminação dessas ruas.

Melhor seria, por isso, e por ser mais economico tambem, que a vereação deixasse que em tais arruamentos subsistissem os velhos candieiros nossos conhecidos, mas determinando que todos eles fossem acesos, o que não acontece agora.

Com esta orientação ficariam mais bem servidos os habitantes da cidade, que não podem, e com razão, olhar para os tais arcos sem um sorriso ironico. E' que, como muito bem observou o *Sempre Fixe*, áquillo falta apenas o papagaio...

E a proposito: a arcada do Terreiro do Paço não será agora iluminada, aproveitando-se para isso os artisticos lampões que nela existem?

Creia, sr. director, na admiração do que se lhe confessa um velho leitor José Pedralva."

DUM artigo do illustre Charles Richet, membro do Instituto de França, recortamos o seguinte:

"Diz-se ás crianças que nunca devem mentir. Não seria mau que aos homens e mulheres se aconselhasse a mesma coisa. Pretendemos que a ninguem mais que aos jornalistas cabe manter o culto da verdade."

O respeito pela verdade tem que ser mantido, principalmente pela Imprensa, visto ser ella o mais forte poder espirital da nossa epoca. O jornalista, para bem desempenhar-se da sua missão, além de intelligente e honesto, saberá resistir ás sugestões da turba ou ás captações interesseiras de personagens que, por muito poderem, tudo ousam corromper.

ROCHA Martins acaba de publicar o 3.º volume da sua colecção *Legendas de Portugal*. Nele recorda o historiador alguns dos episodios mais emocionantes da historia das cidades de Barcelos, Beja e Braga.

Os episodios descritos intitulam-se, respectivamente, *A hoste brigantina*, *A alma do Cenaculo* e *A excomunhão do primaz*, e neles figuram, entre outros, el-rei D. Sebastião, frei Manuel do Cenaculo, o marquês de Pombal e o archbispo D. Estevão Soares da Silva.

PARA o jantar de homenagem aos srs. professores Reynaldo dos Santos, dr. Cunha Lamas e dr. José Caldas, que brevemente se realiza, por motivo das suas comunicações á Sociedade de Cirurgia Francesa e á Universidade de Strasburgo, estão já inscritos todos os medicos que compõem o corpo clinico do Hospital de Arroios, além de outras personalidades distintas dos nossos meios scientifico, artistico e literario.

Sevilha

A Companhia Colonial de Navegação vai fazer algumas viagens com excursionistas entre Lisboa e Sevilha, a quando da Exposição de Sevilha.

A exemplo do que fazem algumas grandes Companhias de navegação estrangeiras, a Companhia Colonial de Navegação vai pôr em serviço, entre Lisboa e Sevilha, durante a Exposição Ibero-Americana, o seu melhor vapor, "João Belo", para o transporte dos turistas que desejarem com facilidade, economia e conforto visitar a celebre cidade Andaluza. A primeira viagem terá lugar a 7 de Maio, para assistir à inauguração da Exposição a 9 do mesmo mês.

A cerimonia de inauguração promete ser das mais brilhantes, assistindo a ela o Rei de Espanha e o general Primo de Rivera.

Saindo de Lisboa no dia 7, o paquete "João Belo", deve estar em Sevilha no dia seguinte, 8 de Maio, acostando ao cais, e ficando os passageiros alojados a bordo, durante a permanencia em Espanha. Esta facilidade é das mais apreciáveis, visto que actualmente já ha grande dificuldade em obter alojamento em Sevilha em qualquer hotel, apesar dos preços terem sido consideravelmente aumentados.

Sabemos que muitos têm sido já os pedidos de passagens para a primeira e segunda viagens do vapor "João Belo". Corroborando ao favor do publico, a Companhia Colonial de Navegação emprega os seus maiores esforços, no sentido de conseguir que a excursão a Sevilha se faça nas melhores condições de comodidade.

Leilão de livros

Na proxima segunda-feira, na Liquidadora (Avenida da Liberdade, 131-153), inicia-se um importante leilão de livros, na sua maioria magnificamente encadernados.

Pelo catalogo que temos presente (e que pode ser solicitado na Liquidadora ou ao sr. Eugenio Tomaz Madeira, Rua Anthero Quental, 14), se verifica tratar-se de uma interessantissima colleção que, compreendendo todos os grandes nomes da literatura nacional contemporanea, naturalmente interessa a todos os amadores de bons livros, que desejem enriquecer as suas bibliotecas.

Grandes Armazens das Ilhas, Limitada

Por escritura de 16 de Março corrente, outorgada perante o notario Eugenio de Carvalho e Silva, de Lisboa, foi esta sociedade dissolvida, a partir da data da referida escritura, e todo o seu activo e passivo foi adjudicado ao antigo socio sr. Manuel das Neves, sem qualquer responsabilidade para os demais antigos socios.

Lisboa, 21 de Março de 1929

O Notario ajudante

(a) José Correia Salgueiro

Publicado no Diário do Governo — 27/3/1929 — III Serie — Numero 71.

Six Palace Girls

Em grande successo na dança acrobatica

"TAMBOURINE"

Olimpia Club

Cabeleireiro de Senhoras

LINO, DONAS, J. COELHO, madame Vivina e Ilda, ex-empregados do cabeleireiro do Chiado, participam ás suas ex.^{mas} clientes, que se encontram trabalhando na rua do Carmo, 35, 1.º, Telef. C. 1467.

A MÚSICA
As festas

do maestro Pedro de Freitas Branco
e da orquestra dos Novos Concertos Sinfonicos de Lisboa

Acreditamos que o tempo seja a maior pedra de toque para medir valores, pois já passaram dias, semanas até, desde que ouvimos pela primeira e unica vez o poema sinfonico "Vida de um Heroe", de Ricardo Strauss, e a impressão de interesse e emoção perdura viscosa e intensa. Dessa formosa composição, escolhida com acerto por Pedro de Freitas Branco no dia da sua festa para afirmar o seu talento num trecho como de exame transcendente de chefe de orquestra, fica um exemplo capital duma inaudita fantasia de invenção unida a um raro poder construtivo. Neste Ricardo Strauss vemos claramente a continuação do Wagner da Tetralogia e dos Mestres Cantores, sem prejuizo da personalidade forte do grão-mestre actual da musica alemã.

A "separata", distribuida com o programa sem acrescimo do modico preço de um escudo, extraida por Reis Santos do estudo analitico de Frederik Rosch, sobre a "Vida de um Heroe", foi um auxiliar precioso.

Se queremos tirar conclusões da ideia tratada neste poema por Ricardo Strauss, temos de ficar mais uma vez amargurados ante a pequenez do coração e da compreensão da humanidade. Porém, Strauss não deixou de escrever o seu poema, não deixou pois de querer comunicar precientemente com essa humanidade... E' que, no fundo, bem consoladora é a Verdade: um grão de Beleza ou de Bondade lançado no meio das ervas inúteis ou nocivas sempre acha onde germine, vencendo mais ou menos lentamente, e rematando a sua victoria gloriosa frutificando!...

Apesar das inevitaveis deficiencias de realização, devemos dar parabens calorosos ao maestro e á sua orquestra.

Não esqueçamos tambem nesse mesmo concerto a distinta colaboração da cantora D. Marina Dervander Gabriel, que interpretou com a orquestra a pagina requintadamente sensual de Claude Debussy sobre os maravilhosos versos de Baudelaire "Le jet d'eau", e algumas "Trovas", absolutamente "reussies", de Francisco de Lacerda, que já conheciamos na versão para canto e piano, valorizadas agora por instrumentação de quem conhece os valores instrumentais, e sobre o que seja escrever para orquestra.

Tambem Francisco Benetó, violinista-solista da orquestra, prestou o seu concurso, tocando a "Romanza" e a "Zambra Andaluza", peças sinceras e finas na sua singeleza, de Pedro Blanco, o malogrado compositor espanhol que granjeou notoriedade no Porto, e faleceu muito novo ainda, em 1919.

O concerto, que tinha principiado com

o Preludio do "Lohengrin", de Wagner, fechou com a 1.ª audição da rapsodia "Italia", de Casella, um dos principais representantes da musica moderna italiana, que se manifesta nesta obra um virtuoso da escrita orquestral, e um "pintor sonoro" exuberante.

* * *

Uma semana mais tarde, isto é, no passado sabado, realizavam a sua festa os professores que compõem a orquestra dos novos "Concertos Sinfonicos de Lisboa".

O concerto, a que Viana da Mota dava a sua valiosa e gentilissima colaboração interpretando com a orquestra o V concerto de Saint-Saëns, tinha ainda outro grande atractivo, muito diverso embora: a apresentação do joven compositor espanhol Ernesto Halffter, na regencia das obras suas que escolheu para dar-se a conhecer ao publico musical de Lisboa. Mas já temos reparado que ha sempre qualquer motivo para que as festas das orquestras resultem menos concorridas. Seria desta vez pelo sabado ser Sabado de Aleluia? Seja como for, achavamos que era mais que tempo para ver quebrado o feitiço!...

Ernesto Halffter, é colocado pelo musicografo espanhol Adolfo Salazar no primeiro plano dos compositores espanhóis e a frente da actual juventude europcia. Pelo "coral", de J. S. Bach e a já afamada "Sinfonietta in ré maggiore", que Halffter nos deu a ouvir, não temos base para concordar ou discordar, mas contudo não achamos prematuro reconhecer-lhe excepcional talento. No coral, nota-se um belo espirito musical que sabe tratar o classicismo arcaico sem deturpa-lo com o corrente erro de o tornar espesso e massudo.

Na "Sinfonietta", uma unica audição não basta para um juizo definitivo; assim mesmo, vimos nela aberta tendencia para as formas extensas sem prejuizo do equilibrio, pois o seu titulo não é justificado por redução de tamanho, mas sim por redução da orquestra, sem que essa redução represente tão pouco de modo algum um empobrecimento, mas sim apenas um emprego individual dos diferentes timbres orquestrais — de que Halffter, de facto, se serve com muita delicadeza e atraente fantasia. No primeiro andamento predomina o romantismo, no terceiro a impressão pastoril, e no quarto julgamos perceber um parentesco com o espirito do Honegger do "Concertino"; o terceiro, amplo, sereno, talvez seja o melhor, mas a orquestra não satisfaz. E em tudo transparece a personalidade do autor, segura de si, numa mocidade radiante, que se anuncia como a aurora de um belo dia.

A opera "Carmen"

Mais uma noite de estreia no Coliseu, a corresponder a mais um degrau na escala do interesse e do entusiasmo. Desta vez, trata-se da "Carmen", e de tal modo, com tais interpretes, que a apreciação musical da genial partitura une-se intimamente a apreciação do drama teatral.

A "Carmen" da noite, — Gabriela Galli, — uma esplendida figura, uma cantora de voz extensa que aguenta sem desfalecimentos toda a sua difficil parte vocal, e uma artista dramatica de máscara expressiva, vibrante, inteligente, encarnou a sua personagem com uma justeza e uma intensidade que lhe dão inesquecivel recorte. Para o "D. José", de Renato Zanelli, cuja voz rara e poderosa de tenor dramatico e cuja escola seriissima já admiramos no "Otello", tambem só serve o termo "encarnar"; tanto dramaticamente como vocalmente, atingiu as culminancias da arte. Desde o principio da obra, os dois protagonistas foram marcando o seu valor, discretamente embora; no segundo acto, cresceu a onda de interesse; toda a violencia de emoção que o terceiro acto encerra sobressaiu, dominadora; e o quarto acto com o seu grande dialogo e o seu desfecho tragico foi simplesmente perfeito, fazendo esquecer depressa toda a parte espectacular do principio do acto, as inevitaveis deficiencias de figuração e "mise-en-scène".

Outro elemento que valorizou a opera,

foi a brilhante soprano-ligeiro Lina Pagliughi, que não desdenhou encarregar-se da ingrata (vocalmente) parte de Micaela, trazendo com a clareza do seu timbre um delicioso contraste de suavidade e singeleza.

Leo Piccioli teve ainda de ser substituido por Parigi, no "Escamillo", defendendo-se Parigi sem comprometer o conjunto.

Outros papeis secundarios foram cantados por Ana Orfei, Luisa Squarzina, Razanti, e Lussardi; e tambem os còros tiveram de trabalhar com afinco. E se houve desigualdade, tambem houve momentos muito animadores, como alguns còros do 1.º acto, e a scena das cartas do 3.º (Ana Orfei e Luisa Squarzina).

Na regencia, espinhosa e cheia de responsabilidade, o maestro Angelo Ferrari continua mostrando a sua competencia. A orquestra esteve um pouco frouxa por vezes, — mas quasi que não nos atreviamos a dizê-lo, com receio de não deixar bem vinculada a elevada sensação de prazer em que o conjunto da representação nos deixou.

FRANCINE BENOIT

Violette

é o cigarro da moda
20 — ESC. 3\$50

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as sr.ªs:

D. Emilia de Castelo Branco Quintela, D. Maria Justina Fialho de Sousa Coutinho, D. Maria Duice de Vasconcelos Guesreiro Nuno Teixeira, D. Maria Luisa Gomes de Miranda, D. Maria Luisa Rebelo da Silva, D. Maria do Pilar de Melo Aguiar e a menina Maria de Lourdes de Sousa de Almeida.

E os srs.:

D. José de Bragança (Lafões), D. José de Melo Breyner (Mafra), D. Pedro Libanio de Figueiredo Cabral da Camara (Belmonte), Mario Duarte, Adriano de Lencastre, João Lobo de Vasconcelos e Alvaro Leite de Faria Ferreira Pinto.

E depois de amanhã as sr.ªs:

D. Sebastiana Viana Ferreira Roquete, D. Leonor de Almeida Coutinho de Lemos (Seixo), D. Maria Isabel de Varennes Monteiro de Mendonça, D. Julia de Castro e Almeida de Melo Breyner, D. Maria da Gloria de Queirós e Lencastre, D. Margarida de Faria Teixeira Bastos, D. Beatriz Madureira, D. Maria Beatriz Centeno Gargão Henriques, D. Maria Tereza Santos Leitão e a menina Aida dos Santos Moutinho de Carvalho.

E os srs.:

Conde de Azevedo, Amancio Cayola Zagalo, Jorge Zilleri Dal Verme e Pedro de Magalhães Van-Zeller.

A Caridade

No Hotel de Italia

E' amanhã á tarde que se realiza nos salões do Grande Hotel de Italia, do Monte Estoril, gentilmente cedidos pela gerencia do mesmo hotel, o anunciado "chá dançante" de caridade, que uma comissão de senhoras da nossa melhor sociedade dos Estoris, da qual fazem parte as seguintes: D. Adelaide Maria Mira Mendes, D. Angelina Oliveira Monteiro, D. Eponina Cruz Valente, D. Gabriela Pereira Cantarino, D. Margarida Pinho, D. Maria Hermínia Oliveira, D. Maria L. Gerchey, D. Paulina Ribeiro e viscondessa de Assentiz, cujo producto reverte a favor da Casa de Trabalho de Santo Antonio do Estoril e de outras obras de beneficencia protegidas pelas Noelistas.

O "chá" será abrilhantado por uma eximia orquestra "jazz-band", que se fará ouvir num escolhido repertorio de danças modernas.

As mesas para "chá" marcam-se pelo telefone Estoril 134. Os poucos bilhetes que restam estão á venda á entrada.

Pontos de reunião

No S. Luis Cine

Ontem mais uma vez o grandioso filme "Volga-Volga", encheu por completo este aristocrático "citencia", entre outras, as senhoras:

Marquesa da Praia e Monforte, condessa de Arge, condessa da Povoia, condessa da Ataleya, viscondessa de Santo Tirso, D. Fanny Davidson Perestrelo de Vasconcelos, D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich, D. Conceição do Casal Ribeiro Ulrich, D. Alda Guedes Pinto Machado, D. Angelina Carvajal Teles da Sylva, D. Henriqueta da Costa Lobo, D. Maria Tereza de Lima Mayer de Magalhães, D. Luisa de Sousa e Holstein Beck Correia de Sá, D. Sofia Busaglio Abecassis, D. Ana da Camara Ribeiro Ferreira, D. Alice Pereira de Carvalho de Brion, D. Flora Bastos Amaral filha, D. Sofia de Oliveira Portela, D. Maria Natalia Leça da Veiga Pinto Coelho, D. Maria da Conceição Vassalo da Cunha Lamas, D. Luzia Guedes de Andrade e filha, D. Cidália Guedes de Andrade Santos, madame Alvaro de Campos e filha, D. Eugénia Cisneiros Ferreira Horta e Costa, D. Maria da Gula Ferreira Patricio e filha, D. Maria Cristina Rino Froes Pinto da Silva, D. Merita Abdarrahm Abecassis Seruya, D. Candida Ribeiro Lopes, D. Eunice de Serpa Pinto de Melo Breyner, D. Maria José Graça Ribeiro Ferreira, D. Maria da Soledade de Carvalho Bruges de Oliveira, D. Laurinda de Almeida Val do Rio, D. Olga Busaglio, D. Maria Emilia Pinto Coelho, D. Maria Van-Zeller de Castro Pereira, D. Roxanne Correia da Costa de Serpa Pinto, D. Maria Maxima de Arriaga de Melo Tavares e irmãs, D. Maria Domingas Queirós Pinto Coelho, mesdemoiselles Castro, etc., etc.

Em viagem

Encontra-se em Lisboa, com demora de alguns dias, o sr. dr. Alberto Calejo, antigo redactor da "Jornal Nacional" e actualmente advogado em Mogadouro.

HOMENAGEM A

ERCILIA COSTA

Realiza-se na proxima quarta-feira, 10, pelas 21 horas, no Solar da Alegria, Praça da Alegria, 56, a festa de homenagem a esta cantadora de fados, reservando-se mezas des-de já.

Telef. 4325 N.

Lenços e Echarpes de seda
para senhora

A colleção mais completa e mais
ch'c de Lisboa
Desenhos exclusivos nossos

A POMPADOUR

Casa de Espartilhos e Cintas
28, CHIADO, 30

O CLARO-ESCURO ANIMADO

A Arte Cinematografica

A "Sociedade Geral de Filmes Ltd., merece o nosso louvor por ter apresentado em Lisboa *Volga-Volga* ao mesmo tempo que a famosa produção está sendo exibida em Paris e em Madrid. Da concorrência que se estabelece entre as casas distribuidoras só tem a lucrar o publico, que deste modo terá ensejo de ver os melhores filmes, sem esperar que cheguem a Portugal depois de terem corrido em todos os *écrans* da Europa.

Volga-Volga chegou-nos, portanto, na boa altura. As revistas estrangeiras mal tinham falado ainda dele, embora algumas se lhe tenham referido com o entusiasmo que a realização de Turjansky em boa verdade merece.

O argumento

Reportemo-nos ao argumento.

Estamos em face duma lenda popular da Russia, que vai buscar a sua origem à revolta em que os cossacos do Don se lançaram contra a tirania do jovem czar Alexis Mikailovitch. A acção do filme inicia-se no momento em que as galeras de Stenka Razine, o chefe da rebelião, descem o Volga em direcção a Astrakan, onde lançam ferro.

Entretanto, o conselho dos boiardos decide pôr a cabeça de Razine a premio, escolhendo o palatino Morosoff para ir entregar ao famoso cossaco, cujas façanhas intimidam o proprio imperador da Russia, uma especie de "ultimatum" que tem o nome de "ukase". Morosoff, covarde e ardisoso, faz-se acompanhar por um mujik de nome Filka, obrigando-o, depois de o utilizar convenientemente com hidromel, a vestir o seu fato e a envergar as suas insignias de boiardo, para ir entregar a Stenka Razine a ordem de rendição.

O filme abre assim com uma reunião de nobres russos, a que se seguem algumas cenas de comedia primorosamente realizadas, até à entrada de Filka a bordo da galera onde o proprio Stenka Razine o conduz.

Embragado e ridiculo entre os cossacos, que estão prestes a dar o seu corpo ao Volga quando lhe descobrem o embuste, o bom mujik passa a desempenhar junto de Stenka, que lhe perdoa, o papel de escravo dedicado, que tanto serve um boiardo como um plebeu audacioso.

Ao mesmo tempo que ele, foi para bordo uma criança de doze anos, Kolka, um pequeno aventureiro que sentiu pelo "ataman", dos cossacos uma irresistivel simpatia e a quem Stenka Razine se afeiçoa. E é com estes dois novos personagens, além da legião dos humildes que a todo o momento vêm oferecer-se para acompanhar Stenka, que as galeras levantam ferro, quando chega a bordo a noticia de que as tropas do Czar se preparam para atacar os rebeldes.

Depois de terem descido o curso do Volga, os cossacos entram no mar Caspio e chegam a vista da Persia lendaria e misteriosa, onde pensam refugiar-se, contando com a generosidade do principe Meneddah.

Com efeito, o shah da Persia recebe amigavelmente os cossacos do Don, que levam à frente a figura imponente de Stenka Razine, deliciosamente ingenua em face do protocolo que rege a cerimonia da recepção e o lauto banquete que o principe arabe oferece aos seus hospedes—pretexto para Turjansky realizar um quadro admiravel, onde o realismo do pormenor ombréia com a grandeza magestosa do conjunto.

Entretanto, os cossacos descobrem que um correio do shah se prepara para levar a Moscou aquilo a que hoje chamaríamos uma nota diplomatica, prevenindo o Czar da chegada dos rebeldes e facilitando-lhe os meios de conseguir a sua rendição. Ao grito de "traição!", os cossacos saqueiam o palacio e dão largas ao instinto selvagem que os caracteriza, roubando, matando, incendiando e violando as mulheres que se refugiavam no harem.

E' o pequeno Kolka quem põe fim ao massacre, pedindo a Stenka Razine que mande regressar os seus homens, acan-

"Volga-Volga"

bando com o horror das scenas que se estavam desenrolando em terra. O "ataman", obedece á piedosa sugestão da criança e as trombetas tocam a recolher, dando ao mesmo tempo o sinal da partida.

Iwaschka, uma especie de imediato de Stenka, que até aqui não tinha dado ainda que falar, teve artes de levar para bordo, desmaiada e envolvida num rico tapete, a filha do Shah da Persia.

A lei dos cossacos proibia rigorosamente a permanencia de mulheres a bordo. Filka e o pequeno Kolka descobrem o "tesouro", e, enquanto Iwaschka é chamado para auxiliar a manobra da largada—porque as embarcações de Stenka Razine voltam de novo a prôa para o Volga—descem ao "camarote", do imediato, arrastam o pesado tardo e vão depositá-lo na "camarilha", do chefe.

Ao entrar, Stenka Razine encontra-se em frente da princesa Zaineib. E, como a filha do shah é nova e bonita, acontece, naturalmente, o que tem de acontecer. A lei dos cossacos nada pode contra o coração generoso do "ataman".

Iwaschka, furioso, lança entre os seus companheiros o germen da revolta. E para fazer vingar mais facilmente o seu complot contra Stenka Razine, quebra as pipas e deixa correr toda a provisão de agua doce que levavam a bordo, provocando entre os tripulantes o martirio da sede. Ha três dias que as galeras partiram e é cada vez mais pesada a calma-ria que caiu sobre o mar Caspio, obrigando os remadores a um esforço maior para alcançar terra.

O filme atinge aqui a sua máxima intensidade, dando-nos uma série de scenas empolgantes e maravilhosamente realizadas, que terminam pela morte do pequeno Kolka, formidável de interpretação e de grandesa trágica. Desde a ternura da princesa Zaineib e o sofrimento resignado de Kolka até á desolação de Stenka Razine, que ergue a criança nos seus braços herculeos, olhando em vão para as nuvens que se acastelam no horizonte inutilmente, tudo é

assombroso nesta parte de *Volga-Volga*. Nem lhe falta o realismo trágico dos remadores, que, depois de terem secundado o grito de revolta contra Stenka Razine, se deixam novamente submeter á vontade imperiosa do chefe, voltando a remar desesperadamente para alcançar terra antes que a sede tenha dizimado toda a tripulação.

As nuvens resolvem-se, finalmente, em chuva e as embarcações continuam a descer lentamente o Volga, aproximando-se de Astrakan.

O odio de Iwaschka, porém, não desarma. De novo a revolta estala entre a tripulação, que exige ao chefe que dê o exemplo de respeito á lei, entregando a mulher por quem se apaixonou—colocando assim o amor acima do dever.

Stenka Razine volta a dar conta da realidade e pede algumas horas para reflectir. E quando os cossacos em massa se dirigem aos aposentos do chefe, para obter uma resposta ou cumprir uma sentença de morte, Stenka mostrar-lhes a ferida que o seu punhal abriu no peito da sua amante. E' de novo o "ataman", respeitado e querido dos seus homens. Os cossacos abrem alas e Stenka Razine passa silenciosamente por entre eles, segurando nos braços ao alto o corpo inanimado da princesa, que atira ás aguas do Volga.

A esquadra do czar, porém, aproxima-se. Trava-se o combate. Ha uma abordagem. E, entre os seus homens dizimados, Stenka Razine é crucificado no mastro mais alto, afundando-se para sempre nas mesmas aguas em que se pulou a amante. O cãozito de Kolka lambe-lhe os pés. E' o simbolo da fidelidade.

A realização

O argumento, como acabam de verificar, é simples, tendo apenas a complicação, talvez por um demasiado laconismo das legendas—que por esse motivo não deixam de ser modelares de concisão e de naturalidade—algumas scenas de bordo, principalmente durante as

Tauromaquia

A tourada de amanhã no Campo Pequeno com os espadas «Armilita Chico» e Eladio Amorós, Antonio Luis Lopes, irmãos Gonçalves e outros artistas e touros de Alvaro Ferreira

A corrida de amanhã já ontem deu extraordinario movimento ao serviço de venda de bilhetes, reconhecendo-se que ha verdadeira «aficção» entre nós, que sabe apreciar as boas organizações tauromaquicas. De facto, a corrida de amanhã tem um cartaz difficil de melhorar, tanto em touros, que são do escrupuloso criador, sr.



"Armilita Chico", num "pass de peito".

Alvaro Ferreira, como em toureiros, entre os quais se destacam os nomes de «Armilita Chico», Eladio Amorós, Antonio Luis Lopes e Rafael e Francisco Gonçalves, os eximios bandarilheiros portugueses, que reaparecem em corridas da empresa.

A corrida é de nove touros para que os cavaleiros possam ter dois touros cada um e para que os espadas possam ter três touros para lidar nos três «tercios», ao que se prestam mara-

primeiras partes, em que os caracteres dalguns personagens não se têm definido ainda com precisão.

E', talvez, devido a este pequeno senão que o filme se caracteriza a principio por uma leve monotonia. O drama desenha-se nitidamente e vigorosamente depois do saque ao palacio do shah, quando as galeras de Stenka Razine iniciam o regresso ao Volga. E pouco a pouco a sua intensidade aumenta, num crescendo empolgante, até á scena magistral em que o pequeno Kolka morre nos braços do "ataman", impotente contra a morte. Em cinema, não tínhamos visto ainda melhor nem mais profundamente humano do que essa successão maravilhosa de quadros, que revelam um alto sentido pictural e uma tecnica de realização impecavel.

Turjansky teve o poder de conseguir, não só que as primeiras figuras incarnassem primorosamente os seus papeis, como que os proprios figurantes contribuíssem com a sua quota-partê de esforço para um conjunto admiravel. Algumas scenas são, a esse respeito, prodigiosas de pormenorização. O sentido das proporções e da distribuição de luz é rigorosamente observado, com intelligencia e com minucia.

Uma das scenas culminantes do filme é o lançamento do corpo de Zaineib ao Volga, por entre o terror supersticioso dos cossacos e a dor pungente que se adivinha no rosto torturado de Stenka Razine.

O suplicio da sede e a alegria da chuva que se segue são dadas tambem com um realismo flagrante—e não há palavras para elogiar a beleza dos primeiros planos, na scena da morte de Kolka, e a desolação que se lê na figura vencida de Stenka Razine em face do cadaver da criança.

Em *Ben-Hur* tínhamos admirado já uma scena semelhante á dos remadores. Mas diga-se em abono da verdade que as imagens arrancadas por Turjansky á maquina do operador, quando os tripulantes remam encorajados pela canção dos «Barqueiros do Volga», e pelo proprio exemplo do "ataman", são formidaveis de realismo e deixam a perder de vista a poderosa realização de Fred Niblo.

Respira-se em todo o filme uma atmosfera de misticismo, que caracteriza a alma misteriosa dos eslavos. E', em resumo, uma grande, uma bela e magnifica realização, que pode não agiadar a toda a gente, por circunstancias especiais do nosso modo de ser, mas que revela em Turjansky um prodigioso animador do claro-escuro.

O desempenho

O desempenho contribuiu notavelmente para o exito de *Volga-Volga*.

Schlettow, que teve a seu cargo o papel de Stenka Razine, tem todas as condições fisicas indispensaveis para triunfar neste filme. A sua mascara é formidavel de vigor nos lances dramaticos e insinuante quando é preciso.

Boris de Fast, além duma esplendida caracterização, interpretou a figura de Iwaschka com a antipatia necessaria, conseguindo convencer-nos da maldade das suas intenções.

Georges Seroff foi um mujik arrancado a uma pagina de Dostoiévsky. Tem no papel de Filka uma bela criação. A scena que se segue ao sacrificio de Zaineib, quando o "ataman", lhe ordena que cante e que dance, é superiormente desempenhada.

Mas o que mais nos espantou foi a interpretação que o joven actor G. Stark emprestou ao pequeno Kolka, deliciosa nas scenas infantis e poderosamente realista na scena da morte.

Lillian Hall-Davis foi, talvez, a menos favorecida para o desempenho do seu papel.

Não deixa de ser, no entanto, uma princesa multissimo aceitavel, sabendo tirar partido da sua beleza plastica e dos seus grandes olhos misteriosos, que respiram um encanto oriental.

A partitura que acompanha o filme agradou-nos—e a sua execução tambem. — N. L.

Associação Lisbonense dos Proprietários

Tendo apparecido nos jornais certa polémica entre a Companhia de Seguros "União dos Proprietários" e seus Accionistas, a Associação Lisbonense de Proprietários previne o publico de que nada tem de comum com a referida Companhia e portanto não deve haver confusões.

Condes

na proxima semana
A Dama das Camélias

Chá das cinco**Os homens e as flores**

O ultimo catalogo dos conhecidos horticultores Alfredo Moreira da Silva & Filhos insere os nomes com que foram crismados alguns dos mais belos exemplares de crisantemos inéditos, da sua famosa sementeira. Não resistimos á tentação de publicar as notas elucidativas que acompanham cada um desses nomes, escolhendo de preferéncia aqueles que os leitores conhecem melhor através da Imprensa, como sejam:

Mosés Amzalak — Flôr enorme, pétalas largas e linda forma do mais belo rosa.

General Amílcar Mota — Flôr incurvada, de pétalas largas, do mais belo salmão alaranjado, matisado de amarelo.

Capitão Luna de Oliveira — Flôr grande, do mais lindo amarelo-ouro, pétalas encarcadas. Distinto.

Dr. Amílcar de Sousa — Flores desenvolvidas, recurvadas, rosa matisado de branco. Muito belo.

Comandante Quirino da Fonseca — Flores esplendidas, do mais belo branco-crème estriado de rosa, pétalas enroladas.

Dr. Joaquim Manso — Flôr grande, pétalas largas, amarelo-ouro. Magnífico.

General Alves Pedrosa — Flores enormes, de forma japonesa, amarelo matisado de carmim. Magnífico.

Alberto Bessa — Flores grandes, amarelo-ouro puro. Recomendavel.

Avellino de Almeida — Incurvado, forma de pinha, amarelo-ouro.

Tito Martins — Flôr muito grande, pétalas encarcadas, do mais belo rosa claro prateado.

Gago Coutinho — Semi-tubular, amarelo canário finamente estriado de carmim.

E por fim: Saudade de Augusto Gomes — Flôr muito grande, de pétalas finas, vermelho vinoso, reverso prateado.

Podiamos transcrever mais. A lista é longa e brilhante. Os melhores nomes adaptam-se maravilhosamente aos mais belos crisantemos. A cada uma das pessoas contempladas se pode agora dizer com propriedade:

— É's uma flôr.

JOSE DO NORTE

RESTAURANT BACALHAU

Telef. 10-Queluz

A's portas de Bemfica

Realiza-se hoje a abertura de duas especialidades em vinho novo em cima da borra: O PALHETE, fabricação exclusiva desta casa, cujo paladar se assemelha imenso á agua-pé, e TINTO ESPECIAL, sem contestação o melhor vinho que se bebe em Lisboa. Esta casa marca pela perfeição do fabrico dos seus vinhos e garantimos aos nossos estimados freguezes que é o melhor que abrimos nesta colheita.

Magnifico serviço culinário á portuguesa, impondo-se pela perfeita execução e asseio e pelos variadissimos menus "à la carte", que deliciam os bons "gourmets" e cujos preços não têm competência, pela sua modicidade.

Sendo o retiro da capital preferido pelas famílias, pelo conforto e bem estar que se disfruta, é também o mais concorrido, pelas vastas e esplendidas instalações que possui do melhor que ha no genero.

Aos domingos, jantares-concerto por um magnifico quarteto.

Fornecem-se serviços para banquetes, casamentos e baptizados, para o que possui instalações proprias e pessoal habilitadissimo.

Aberto toda a noite, para serviço de ceias

Em liberdade

O sr. Adelfino da Conceição de Almeida, morador na rua Frei Manuel do Cenáculo, 39, 2.º E, que tinha sido preso por suspeita, foi posto em liberdade, por nada se ter provado contra ele.

A Cidade

UMA OBRA DE ASSISTENCIA

O Baile

das Artes

vai constituir

um grande exito

Para o baile sensacional que vai realizar-se no proximo dia 11, no "Maxim's", generosamente cedido pelos seus proprietarios com toda a sua habitual organização, incluindo a orquestra, tudo está a postos. Os artistas decoradores, cheios de entusiasmo por uma obra em que ficará vincada uma interessante faceta dos seus diversos temperamentos artisticos, trabalham afanosamente para que os detalhes decorativos fiquem impreterivelmente concluidos no dia 10, de forma a poder erguer-se o policromo conjunto durante o dia 11, tempo que resulta escasso para esse trabalho de monta. Os costureiros Madame Josette Martin, Eduardo Martins e Ribeiro da Costa estão confeccionando os oito admiraveis modelos de "toilettes", que darão ao artistico ambiente do baile mais uma nota elegante e primorosa.

E de assinalar o desinteresse e a galhardia com que Ribeiro da Costa acolheu o nosso apelo encarregando-se de três "toilettes", que outros mais timoratos não ousaram fazer.

Os artistas sejam qual lór a sua modalidade, mas sobretudo os artistas da costura só têm vantagem em que se crie o ambiente propicio a estas exhibições de arte.

Quando um dia em Portugal se fizer o grande "Baile da Costura", á semelhança daquele que anualmente se realiza na Ópera de Paris, e esse baile ha-de fazer-se talvez — para o aho, mesmo aqueles que marcaram desta vez iniludivelmente, o seu lugar na vanguarda, hão de encontrar as justas compensações do esforço feito agora ao acompanharem os jornalistas de Lisboa, nos seus intuitos de benemerencia, a comissão presta aqui os seus rendidos agradecimentos ás costureiras, m elle Hallina Nnnes e madame Ville, pela suas amaveis ofertas que não houve necessidade de utilizar.

O programa da festa teatral está também concluido e á imprimir-se. Tem duas partes. A primeira, começa ás 12 e meia e a segunda ás 14 e meia. Contem os festejados: nomes de Palmira Bastos, Auzerda de Oliveira, Satanela, Lina Demóel, Aldina de Sousa, Sónia Botgen e Lucia Snow dos actores Nascimento Fernandes, Leopoldo Froes, Amarante, Silvio Vieira e dos bailarinos Francis e Boetgen.

Rafael Marques, Vasco Sant'Ana e Carlos Leal, prestam-se gentilmente a fazer "papel de speakers".

Para a tombola continuam chegando os mais interessantes presentes das primeiras casas de Lisboa.

UM GRAMOFONE COLUMBIA, modelo de luxo e um album com 12 discos nacionais "Columbia", de Pereira dos Santos, Ltd.; José Alexandre, do Chiado, uma linda peça artistica; Augusto Luis de Sousa, Ltd., uma valiosa peça de prata cinzelada; Ourivesaria Miranda & Filhos, do Chiado, lindos bibelots de prata; Lopes, Ltd., florista, Agua de Colonia Ben-Hur-Nally, afamados perfumes; Pompadour, da Rua Garrett, 5 admiraveis boneças estilizadas; Perfumaria da Moda, da Rua Nova do Carmo, os mais acreditados produtos da sua casa; Carnaval de Venesa, Rua do Ouro, elegancias femininas; Papellaria da Moda, Rua do Ouro, um lindo estojo de secretária; Palais de Cristal, da Rua do Ouro, os "coiffeurs" da moda, perfumes; Papellaria Camões, Largo do Camões, lindas caixas de papel; David & David, do Chiado, elegancias femininas; Godafroy, do Chiado, lindos bibelots; Casa das Cartelas, Rua da Prata, 3 cartelas de senhora; Pastelaria Marques, do Chiado, as suas lindas cartagens regionais proprias da Pascoa; Patisserie Benard, da Rua Garrett, bonbons e "friandises"; Frutaria Martins e Costa, da Rua Nova do Carmo, cartagens, caixas de bonbons; Casa Havana, um acendedor Dunhill, cigarrilhas de senhora; Soares & Viana, Casa de musicas do Loreto, um album com discos de gramofone; Livraria Allaud & Bertrand, as ultimas edições; Livraria Classica Editora, edições de luxo; Maison de Bianco, do Rocio, elegancias femininas; Casa Universal, da R. Nova do Carmo, "bibelots"; Perfumaria Gerard, de Botelho de Sousa; Papellaria Palhares, um bronze artistico; Tatá & Rodrigues, da Rua Garrett, "bibelots"; Ultimo Figurino, do Chiado, artigos de luxo; Kermesse de Paris, uma linda boneca Lenzi; Garoez, Lda, do Chiado, um Kodak; Eduardo Martins, elegancias femininas; Ourivesaria Eloy de Jesus, uma moldura de prata; Lazarus, fotografo, lindas molduras; Benard, artigos de "cotillon"; Pastelaria Garrett, cartagens da Pascoa; Grandela, Lda, 20 lindas caixas de pó de arroz; Ramiro Leão, uma linda mala de senhora; Armazem das Novidades, uma faiança; Barros & Santos, da Rua do Ouro, elegancias femininas; Fabrica de Ceramica da Vista Alegre, uma linda porcelana; Paris em Lisboa, bibelots; Perfumaria Flôr do Chiado, perfumaria estrangeira; Garoez, Ltd., artigos de fotografia, um Kodak; Grandes Armazens do Chiado, diversos artigos decorativos; Julio Gomes Ferreira, bibelots, etc.

A comissão pede ás casas comerciais que tiveram a gentileza de concorrer para a tombola, o favor de enviarem os seus presentes para a Rua Ivens, 72, em nome do nosso camarada Cristovam Ayres (filho).

AVISO IMPORTANTE

Os bilhetes que se encontram passados e á disposição dos seus possuidores devem ser procurados na administração do *Diario de Lisboa*, das 11 ás 6 da tarde, até ao dia 8. Passado este prazo, consideram-se devolvidos.



The Biley Institute
Línguas vivas
R. MARTENS FERRAO
20
(à Rotunda), LISBOA

TEATRO**NO**

Politeama

e em festa

de Adelina Abranches

estreeou-se a peça

«Eterna mocidade»

Eterna Mocidade podia ser uma tese, mas é uma comedia. Tem uma ideia que, sem ser inteiramente nova, é curiosa. Três gerações nascidas do mesmo tronco e reunidas sob o mesmo tecto, oferecem-nos aspectos diversos, não de educação, mas de caracter e de sensibilidade. Dominando-as, cheia de bondade e de bonomia, altiva e patriarcal, acatada e respeitada, a avó, que o é três vezes, conservando ainda para o amor os seus olhos carinhosos e indulgentes.

O filho é um velho, de mocidade ávida, gosando a vida com os seus cabelos brancos e o seu coração ainda quente de rapaz sádlo e irrequieto.

Um dos netos envelheceu precocemente, na provincia, com os seus livros e as suas manias, as suas convenções e os seus preconceitos. Tem menos quarenta anos que o pai, mas parece já ter dobrado os sessenta.

Entre estas três figuras, a intriga liga-se, auxiliada por outras, cujos temperamentos ressaltam, pitorescamente como devem calcular, visto que estão unidas pelo mesmo sangue. Não sei se me fiz perceber!... A familia é bastante numerosa, tanto que o primeiro acto, verdadeira parada de forças, entra difficil e laboriosamente em movimento, com mais artificio do que realidade. O segundo é muitissimo melhor. Nem parece da peça. A comedia torna-se clara, luminosa, verosimil. Sorri com delicadeza e captivante alegria, enternece-se em fugitivos tons de aguarela romanesca. Desculpamos-lhe, mesmo, a intromissão do creado e da creada, bastante salientes e mais proprios em revista.

No ultimo, como é para concluir, as personagens perdem nitidez, tal qual como a acção, constantemente desviada dos elementos primordiais. O desempenho teve vulto. Festa de Adelina Abranches, artista formidavel da scena portuguesa. A primeira de todas, a unica no seu genero. Tenho por ela um sincero e absoluto respeito. Pela sua carreira, que, embora longa, tem muito poucos anos... Foi ela a trisavó, mas com que mocidade! Excelente na composição da figura. Quando, pela primeira vez, appareceu em scena, os artistas que a ocupavam, o que talvez fosse escusado, abriram alas. Como a uma rainha! Mas muito bem. Adelina tem todas as virtudes duma comediante de raça. O seu papel provou exuberantemente essas qualidades. Queria, porém, que tivesse sido menos rigida, menos dogmatica, menos altiva. Quem fez a "Mãe, extraordinariamente, pode também ser, humanamente, a "Avó".

Adelina Abranches apresentou-nos, admiraveis de estilo e de época, duas "toilettes", de madame Martin. Maria Matos, excelente em mais uma caracteristica. Aura Abranches é uma maravilha de ternura. Voz de oiro e de anjo. Dois defeitos: um no vestido, cor de rosa, me-nineiro; outro, no cabelo, em demazia caprichoso. Maria Helena, melhor do que noutras peças. Ofelia Brochado, um pouco prejudicada pelo papel: uma creada sem caracter.

Na distribuição da peça houve um erro gravissimo.

(Ver continuação na 8.ª página)

Condes

Billie Dove em
O Romance da Duquesa

“SPORT”**NO**

Quilometro
de Aranque
para as motocicletas
foram obtidas
medias vertiginosas

O meeting organizado pelo Automovel Club de Portugal, no domingo passado, e sob o alto patrocínio do sr. governador civil — teve como grande atractivo uma corrida de Quilometro de Aranque para motocicletas.

O publico que se entusiasmou com esta prova, saudava os concorrentes na sua vertiginosa passagem. As motos galgaram o percurso em instantes rapidissimos, estabelecendo verdadeiros records. Ahamos interessante registar aqui alguns tempos e medias obtidas:

Na categoria até 250 cc.:

Marcelo Beirão — 46 s. 4/5 — 76,923 quilometros á hora.

Na categoria até 350 cc.:

A. Pebre — 46 s. 1/5 — 77,922 quilometros á hora.

Na categoria até 500 cc., de válvulas laterais:

João Caleia — 47 s. — 76,595 quilometros á hora.

Na categoria até 500 cc., de válvulas na cabeça:

Mouton Osorio — 35 s. — 102,857 quilometros á hora.

Alexandre Bleck — 35 s. — 102,857 quilometros á hora.

A. Santorum — 39 s. 2/5 — 91,370 quilometros á hora.

Cunha — 39 s. 2/5 — 91,370 quilometros á hora.

José Campina — 40 s. 1/5 — 89,200 quilometros á hora.

Duarte Reis — 40 s. 2/5 — 89,108 quilometros á hora.

Na categoria até 750 cc.:

José Gonçalves — 35 s. — 102,857 quilometros á hora.

A. Mascarenhas — 37 s. 2/5 — 95,744 quilometros á hora.

Antonio Duarte Junior — 39 s. — 92,307 quilometros á hora.

Cardoso Nunes — 42 s. 3/5 — 84,507 quilometros á hora.

Sem limite de cilindrada:

Salgueiro — 41 s. 2/5 — 86,956 quilometros á hora.

Verificado o empate para a classificação geral, entre Mouton Osorio, Alexandre Bleck e José Gonçalves; os três correram de novo após as provas para automoveis.

E no desempate realizaram-se os tempos e as medias seguintes:

José Gonçalves, em Indian de 750 cc.: — 34 s. — 105,882 quilometros á hora.

Alexandre Bleck, em Ariel de 500 cc.: — 34 s. 4/5 — 103,448 quilometros á hora.

Mouton Osorio, em Matchless de 500 cc.: — 35 s. — 102,857 quilometros á hora.

Os três motociclistas foram ovacionados dissimuladamente pelo publico, por terem feito percursos mais rápidos do que os automoveis.

MANUEL BARBOSA

Tratamento da asma

CLINICA MEDICA

Avenida da Liberdade — 18

Das 15 ás 17 horas

TELEF. N. 5967

A Cidade

«ANIMAIS NOSSOS AMIGOS»

A ideia

da criação
dum hospicio
para cães e gatos

A Sociedade Protectora dos Animais, a proposito do alvitre da criação da "Fourrière", lançada ha dias nas colunas do nosso jornal, enviou ao nosso director uma carta interessantissima que, nitidamente, demonstra os objectivos que a orientam.

Publicamo-la:

Sr. director. — No numero do *Diario de Lisboa*, de 3 do corrente, e que v. tão proficientemente dirige, vem publicada uma local sugerindo a criação de uma "Fourrière", — como a de Paris — onde possam ser recolhidos os animais sem dono e sem pão, protegendo-os assim contra os baldões da sorte.

De ha muito que esta Sociedade vem estudando o assunto, e se bem que tenha recebido alguns legados — na realidade de pouca importancia, mas sempre bem vindos — a sua situação financeira não lhe tem permitido levar a efeito a sua grandissima aspiração, ou seja a construção dum "hospicio", para que nele possam ser recolhidos os animais abandonados e aqueles que não possam acompanhar os seus proprietários quando estes tenham que sair de Lisboa.

Vive esta sociedade apenas da quotização e do rendimento do seu pequeno posto de medicina e cirurgia. Porém, a dentro das suas fracas posses, vai adquirir um terreno na rua de Santa Marta, para o que já ultimou as suas negociações com o respectivo proprietario, aguardando-se apenas o cumprimento de certas formalidades, a que é obrigada, para que essa aquisição possa realizar-se.

Destina-se esse terreno á construção dum posto de socorros, tão completo quanto seja possivel, e seus anexos, nos quais se conta uma sala de operações para grandes e pequenos animais e uma pequena enfermaria, construção esta que a Direcção conta iniciar em breve, mas contando apenas com o auxilio dos seus prezados consocios, para cuja magnanimidade tem apelado e continua apelando; pois que esta Sociedade não recebe qualquer auxilio, por pequeno que seja, das instancias superiores, apesar dos serviços que presta terem concorrido para que, pelos coíres publicos, lósem cobradas, no ano economico de 1927-1928, importancias num total de cerca de 72.895\$00, ou sejam mais 61.488\$00 que as cobradas durante o ano economico de 1925-1926, e mais 36.075\$00 do que no de 1926-1927, receita que não existiria se não fosse a intervenção desta Sociedade.

Quanto nos seria agradável que as colunas do vosso conceituado jornal nos annunciasse que alguém e quem diz alguém também pôde dizer que o grupo de amigos dos animais havia imitado ou imitasse o gesto de Madame Calmettel

Tudo é possivel, e até lá conte V. com os protestos dos maiores respeitos e as melhores considerações de quem é

O Secretario da Direcção, *Pedro da Costa*.

DE LUTO**Aida de Jesus Leiria**

Após doloroso sofrimento, faleceu hoje, pelas 10 horas, a menina Aida de Jesus Leiria, de 13 anos de idade, filha da sr. Ermelinda de Jesus Leiria e do sr. Alberto Silva Leiria, empregado do nosso jornal, e sobrinha dos srs. José de Sousa Leiria e Antonio de Sousa Leiria, 1.º maquinista-electricista da Companhia Carris de Ferro de Lisboa.

O seu funeral realiza-se amanhã, 7, pelas 3 horas, na residência de seus pais, travessa dos Fieis de Deus, 23, para o cemiterio do Alto de S. João. A família enlutada os nossos pesames.

Premio "Rodrigo da Fonseca"

Conferido pelo Conservatório Nacional de Musica, obteve ante-onhem este premio, na prova de canto, a distinta cantora D. Maria do Ceu Foz, interprete, a epoca passada, no Coliseu dos Recreios, de operas nacionais e estrangeiras.

O FADO**no "Ferro de Engomar,"**

Realiza-se hoje no «Ferro de Engomar» (Telefone Bemfica 67), mais um grandioso certame de fados, com o concurso da querida e popular cantadora Maria do Carmo e doutras conhecidas figuras da Canção Nacional.

Calendarios

Da Parceria Antonio Maria Pereira, recebemos e agradecemos alguns calendarios reclamando o livro «Rainha D. Amelia», de Ayres de Sá.

Leite puro dos estabulos de A. Lobo da Costa, em vasilhas seladas. Av. Republica 37-D, Tel. 2883 N.

TIVOLI**A SERENATA****Pelos teatros****Margarida Lopes de Almeida**

Margarida Lopes de Almeida dá hoje á noite no Teatro Nacional, o seu ultimo recital, antes da sua partida para Paris. A grande artista, que, qual escultora do verso, consegue realizar milagres de beleza com a magia da voz, dos olhos e das mãos dando-nos verdadeiras imagens plasticas modeladas pela sua admiravel arte de declamação, despede-se hoje do publico de Lisboa, encantando uma vez mais os seus inumeros admiradores, oferecendo-lhes um esplendido programa onde figuram versos de Camões, Guerra Junqueiro, João de Barros, Afonso Lopes Vieira, Virginia Vitorino, Oliva Gueira, Afonso Lopes de Almeida, Fillinto de Almeida, Jean Rameau, François Coppée e outros. Que Lisboa saiba corresponder á gentileza do seu gesto e corra a prestar-lhe hoje as homenagens a que seu talento tem direito, são os nossos votos, enquanto vemos com pesar afastar-se de nós a illustre artista.

Auzenda de Oliveira

A brilhante artista Auzenda de Oliveira, agora directora de uma esplendida companhia, inicia a sua «tour nées» pelo país, com contratos firmados em todas as provincias, no proximo dia 17 do corrente, começando em Santarem, onde realizará uma serie de espectaculos. Além das peças «O Az do Cinema», «A Boneca», «Os Maridos Alegres», «A Letteira de Entre-Arroyos» e «O Ultimo Lord», Auzenda realizará uns curiosos quadros sinteticos com canções da nossa terra, entre scenarios de Manuel de Oliveira, com versos do dr. Americo Durão (Minho, Alemtejo e Traz-os-Montes), e dr. Mario Monteiro (Beiras, Algarve e Douro), e musica do maestro Frederico de Freitas.

Mario Campos

Realiza-se depois de amanhã, no Teatro do Gimnasio, a festa artistica do actor Mario Campos, dedicada ao Gremio Instrução Liberal de Campo de Ourique. Representa-se a peça «O Sapo e a Doninha». Havendo ainda um «Fim de Festa», em que tomam parte os artistas Ester Leão, Leopoldo Froes, Nascimento Fernandes, Alexandre de Azevedo, Henrique de Albuquerque, Sofia Santos, Abilio Alves, Salvador Costa, Antonio Nascimento, José David, Ernesto Silva, Jalziza de Sousa, Angelita e Mercedes Gonzalez, Arminda Martins, Branca Marques, Ercilia Costa, e os bailarinos Arlette e Charles, com os acompanhamentos ao piano pelo maestro Hugo Vidal.

Atrás do reposteiro

Val reabrir o Teatro Nacional para uma serie de espectaculos com alta comedia, durante a ausencia de Alves da Cunha. A companhia tem como principais elementos Ester Leão, Alexandre de Azevedo, Sofia Santos, Jorge Grave, Abilio Alves, Izilda de Vasconcelos, Silvestre Agrip, Maria Lagoa, Tarquinio Vieira, Abilio Baptista, etc. A estreia realiza-se brevemente com a interessante peça francesa «Ameaça» tradução de Maria Matos

—Partiu hoje para a sua casa, cerca de Vizcu, o empresario José Loureiro.

—Fala-se numa possivel «réprise» da comedia «A Garota», tendo como interprete a sua criadora, Aura Abranches.

—Val entrar para o teatro musicado, fazendo-se artista, a sr. D. Liberta Nogueira.

—Estreia-se amanhã, em Coimbra, a companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro, que ali vai representar as peças «Demonio», «Braz Cadunha», «Romance» e «Topaze», embarcando no dia 15 para o Rio de Janeiro.

—Continua em scena no teatro Apolo, com grande successo, a opereta «Os Vareiros», que a companhia Cremilda de Oliveira representa todas as noites, em duas sessões, a preços populares.

—No Coliseu, despede-se amanhã do publico de Lisboa o tenor Renato Zaneji, numa recita a preços populares, cantando-se a «Carmen», que obteve, na sua 1.ª representação, um indiscutivel successo.

—O Huiónista Chéfal e a «troupe» dos anões de Magda partem depois de amanhã para as ilhas, numa «tournée», dirigida pelo artista Mario Pedro.

—Regista amanhã, no Trindade, o seu 2.º domingo a revista-fantasia «Pó de Maio», em duas sessões. No Avenida é o ultimo domingo da peça «Três contra um», que sexta-feira será substituída pela comedia musicada «O Papa-Assorda».

—Estreia-se hoje, no Variedades, actriz Carmelita Alves, que fica substituindo a sua colega Margarida de Almeida na revista «E siga a dança...», na qual se estreou ontem uma interessante «Desgarrada».

Compre um chapéu de palha

“PALMARES”

o chapéu que faz furor!

Preço excepcional

«PALMARES»
Chapeleiros especialistas
INSTALAÇÕES PROVISÓRIAS

Rua 1.º de Dezembro, 101, 2.º — Telef. Trind. 3012

AUTOMOVEIS**STUTZ**

Os unicos dois STUTZ fechados que entraram
no "Concurso de Elegancia" obtiveram:

1.º Premio da 8.ª Classe

(Carros fechados, conduites interiores, 7 logares para cima
de 10 H. P.)

1.º Premio da 12.ª classe

(Faux Cabriolets, 2 logares para cima de 10 H. P.)

A. M. Almeida Ltd.

39 — Rua da Escola Politécnica — 39-A

LISBOA**CARTAZ****TEATROS**

Nacional—A's 21,30—Recital de Margarida Lopes de Almeida.
Ponteama—A's 21,30—«Eterna Mocidade».
Trindade—A's 20,30 e 22,30—«Pó de Maio».
Avenida—A's 21,30—«Três contra um».
Apolo—A's 8,30 e 10,30—«Os Vaqueiros».
Variedades—A's 20,30 e 22,30—«E siga a dança...»
Coliseu—A's 21—Companhia de Opera Italiana—«Madame Butterfly».

ANIMATOGRAFOS

São Luiz Cine—A's 21.
Tivoli—A's 21.
Central Cinema—A's 21.
Olimpia—Das 11,30 as 0,30.
Cinema Condes—A's 21.
Chiado Terrace—A's 20,30.
Saão Ideal—A's 20,30.
Cine-Teatro (Parque dos Manos, Queluz)—Segundas, quintas e domingos.
Cinema de Campolide—A's segundas, quintas, sabados e domingos.

Banco de Portugal

A Administração do Banco de Portugal resolveu emitir notas de Mil Escudos — Ouro — de nova chapa, para circular conjuntamente com as das chapas actualmente em circulação.

Os principais característicos desta nota pelo que respeita a côr, data, série, numeração, chancelas do Governador e do Director e mais dizeres que a compõem, bem como a filigrama do respectivo papel, podem ser examinados nos exemplares que para esse fim se acham patentes neste Banco em Lisboa e nas suas Delegações.

Lisboa, 5 de Abril de 1929.

Pelo Banco de Portugal

Os Directores

A. J. Pereira Junqueira

D. S. H. Beck

REVOGAÇÃO DE MANDATO

Por despacho do Ex.º Sr. Dr. Juiz de Direito da 6.ª Vara Cível de Lisboa, foi notificado Antonio Bento Coelho de Jesus, da revogação de procurações que sua filha Maria do Nascimento, lhe havia conferido.

Lisboa, 5 de Abril de 1929.

O advogado com procuração

Casimiro Vitoria Chamico

TEATRO VARIEDADES

Duas sessões—A's 8 e 1/2 e 10 e 12

A Colossal Revista Popular**E siga a dança...**

Grande entusiasmo

Teatro da Trindade

Companhia de Revistas Eva Stachino

A's 8,30 e 10,30

Pó de Maio**Chargeurs Réunis e Sud-Atlantique****Para o BRAZIL e RIO DA PRATA****LIPARI**: em 11 de Abril, para Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres.**KUERGUELEN**: em 21 de Abril para Rio de Janeiro, Santos e Buenos Ayres.**GROIX**: em 30 de Abril, para Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres.**Serviço exclusivo de passageiros****LUTETIA**: Em 15 de Abril**MASSILIA**: Em 6 de Maio

Para Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres.

Recebem-se passageiros de luxo, 1.ª, 2.ª classes e 3.ª Preferencia e 3.ª classe.

Para VIGO e BORDEUS**MASSILIA**: Em 25 de Abril.**Para VIGO, BORDEUS e HAVRE****DESIRADE**: Em 18 de Abril.**LINHA INDO-CHINA**

Carreira Mensal

CAP ST. JACQUES: Em 1 de Maio.

Para Marselha, Port Said, Colombo, Singapore, Saigon, Tourane e Haiphong.

Todos os paquetes destas Companhias atracam ao caes

Para passagens, carga e esclarecimentos] trata-se com os

AGENTES GERAES EM PORTUGAL**Comptoir Maritime Franco-Portugais, Limitada**

Sucessor de DIOGO JOAQUIM DE MATTOS

NO PORTO

Rua da Nova Alfandega, 7

Telefone 2926

EM LISBOA

Caes do Sodré, 32 a 38

Telefones Trind. 2292 e 2294

PIANOS

e
Autopianos
Rolos
Musicas



Gramofoneu — Discos

CASA OLIVEIRA — Rocio. 56. 57. 58**!! Boa Colocação de Capital !!**

Com bons juros e hipotecas,
ou com todas as garantias exigidas. Na Agencia Veritas — Rua das Flores, 113, se diz.

!! Liquidação !!

Por retirada urgente para o estrangeiro.

Gabardines de 600\$00 a 290\$00.

Trincheiras de 300\$00 a 150\$00.

Sobretudo de 150\$00 a 55\$00.

Capas de borracha de 150\$00 a 55\$00.

Tudo pronto a vestir.

Rua Eugénio dos Santos, 9, 4.º, dir.

Egreja Parochial de S. Paulo em Lisboa

SUFRAGIO**ANA JOAQUINA**

Passando no proximo dia 12 de Abril o 2.º anniversario do falecimento da sr.ª D. Ana Joaquina, mãe de Armando dos Santos, sacristão da Egreja de S. Paulo, manda seu filho e sua familia celebrar uma missa por sua alma pelas 10 horas do mesmo dia na Egreja de S. Paulo Egreja Parochial de S. Paulo, aos 4 de Abril de 1929.

KADI

O mais fino cigarro turco
Não afecta a garganta nem
provoca a tosse

Simplex..... 10-2\$50
Ponta seda..... 10-3\$00

ESTRANGEIRO

Empresa Automobilista Portuguesa
Garagem de reparação
197 C.-R. de Santa Marta, 201 - Tel. N. 1851
Automóveis de praça preço por mês com
direito a lavagem e a servirem-se do com-
pressor para encher pneus, sendo de ro-
das de madeira ou disco 130\$00, sendo de
rodas de arame 140\$00. Óleos, gazolina,
pneus, etc.

O QUE VAI LA' POR FORA**Poeira do Mundo**
Da França

PAU, 6.

Celebrou-se a reunião franco-espanhola de turismo.

Anuncia-se a organização dos comitês especiais em Barcelona, destinados a Londres.

A assembleia acordou que fosse feita uma intensa propaganda entre os passageiros da linha de Confranc, e ocupou-se da electrificação da vertente espanhola de Confranc.

A próxima reunião foi marcada para o dia 21, em Jacq.

A comissão de peritos prossegue nas suas conversações particulares, entre os delegados aliados e o dr. Schacht, presidente da delegação alemã, discutindo o montante e o número das anuidades das reparações a pagar pela Alemanha.

O jornal oficial publicou a lei autorizando o presidente Doumergue a ratificar o pacto de paz perpetua.

O sr. Briand, ministro dos Negocios Estrangeiros, recebeu o sr. Kellogg, ex-secretário de Estado para os Negocios Estrangeiros dos Estados Unidos, durante a vigência do mandato do presidente Coolidge.

Chegou a esta capital o sr. Ali Bey, ministro dos Negocios Estrangeiros do Egito.

Briand recebeu o sr. Eliot Root.

Briand, ministro dos Estrangeiros e o sr. Garde, encarregado de negócios de San Marino, assinaram o protocolo da convenção relativa à extradição entre a França e aquela República.—(L.)

Opera no Coliseu
Amanhã: «Carmen»

Despedida do tenor Renato Zanelli
Hoje: «Madame Butterfly»

A Grande Companhia de Opera Italiana dá hoje mais uma primeira representação, continuando a variar o seu repertório para apresentação de todos os magníficos artistas que compõem o seu elenco. A peça que hoje sobe á scena é a «Madame Butterfly», a linda tragedia lirica de Puccini tão apreciada do nosso publico pelo seu sentimento e beleza musical. A protagonista é desempenhada pela notavel soprano Rosa Bardelli, sendo o principal papel masculino interpretado pelo aplaudido tenor Giovanni Chiaia.

Amanhã canta-se a «Carmen», a preços populares, fazendo a sua despedida o grande tenor Renato Zanelli, que no papel de D. José tem uma admiravel criação. Na protagonista far-se-á novamente apreciar a meio-soprano Gabriela Galli, desempenhando pela primeira vez Rosa Bardelli o papel de «Micaela». É pois um espectáculo sensacional, sendo o conjunto da interpretação de uma rara harmonia e homogeneidade.



Os cigarros MURATTIS são incontestavelmente os de tabaco Egipcio mais fino e aromático do mercado.
V. CONTRERAS & F. — T. T. 1951

O MONTENEGRO**COMO SE RISCA**
UM POVO
do mapa das nações

Todos sabem que os Aliados procuraram justificar a Grande Guerra pela dupla necessidade de manter o direito e salvaguardar a independencia dos pequenos povos. Se houvesse alguma dúvida sobre a insinceridade desta alegação, aí estava o caso do Montenegro para desenganar os espiritos mais recalitrantes.

Há na península dos Balcans, que—ao que parece—ainda pertence ao continente europeu, uma pequena e valente nacionalidade, com alguns séculos de independencia e uma tradição de heroísmos ininterruptos, que, aos primeiros rebates da Grande Guerra, e apesar das tentativas em contrário dos Imperios Centrais, se collocou imediatamente do lado dos Aliados, fazendo causa comum com eles, e, mormente, com os sérvios, seus vizinhos, com os quais compartilharam de todos os horrores, sofrimentos e vicissitudes do tremendo conflito.

A independencia deste heroico e pequenino povo, assente em direitos tantas vezes secular, foi já depois de iniciada a guerra, categoricamente reconhecida pelo Pacto de Londres (1915), pela mensagem de Wilson (8 de Janeiro de 1918), base da futura paz e onde se preconiza a restauração do Montenegro, e ainda pelas declarações formais do Presidente da Republica Francesa e do Ministro dos Negocios Estrangeiros de França aos ministros montenegrinos e ao proprio Rei Nicolau.

Por seu lado a Sociedade das Nações, num accordo conhecido, estabelece que a mesma Sociedade cumpre expedir os passaportes aos subditos montenegrinos, com indicação da naturalidade e a palavra Montenegro entre colchetes, em contradição flagrante com o desconhecimento affectado pela Iugo-Eslávia relativamente á existencia de uma pátria montenegrina.

Sabe-se que um Estado só pode perder a sua personalidade jurídica, isto é, a sua soberania, ou por um tratado com outro Estado sobre a base do consentimento reciproco, ou por «debellatio», isto é, por anexação precedendo conquista. Ora nenhuma destas duas hipóteses se deu com o Montenegro, que foi simplesmente occupado e incorporado «sine die» com manifesta intracção de todo o direito internacional, agravada ainda com a circumstancia de se ter procedido a título de aliança e protecção pelas potencias que consumaram a usurpação. Os antigos subditos montenegrinos foram dispersos pelo mundo, e taxativamente prohibida a sua repatriação.

E em beneficio de quem se operou esta anexação? Em beneficio de um Estado, que, pela sua irredutivel heterogeneidade étnica, está destinado a um proximo e irremediavel desmoronamento, e do qual se pretendeu fazer uma espécie de Polónia balcânica. Croatas, eslovenos, macedónios e montenegrinos nunca poderão formar um bloco sólido, estando condenados a uma situação de conflitos permanentes e a uma consequente e inevitavel ruína.

Ainda poderia admitir-se controvérsia a respeito dos três primeiros elementos. Quanto ao ultimo, o montenegrino, é forçoso reconhecer que se trata apenas de uma monstruosidade jurídica, que a Sociedade das Nações tem de reparar no primeiro ensejo, sob pena de desmascarar e macular a proclamação de direitos com que se justificou ou pretendeu justificar, por parte dos Aliados, o desencadeamento do maior cataclismo que a história regista.

Coronel Mário de Campos

PENSÃO PORTUGALIA

A QUE MELHOR SERVE EM LISBOA

Avenida da Liberdade, n.º 13 R/c

LISBOA

Telef. NORTE 2912

Magníficos serviços de mesa redonda e por lista.
Almoços e jantares a ESCUDOS, 10\$00.
Comensaes a ESCUDOS, 350\$00.

BRISTOL

GRANDE SUCESSO DAS BAILARINAS

STEP SISTERS

Amanhã Chá — Variedades

Segunda-feira estrela de

ANITA ALONSO

LEITE CERTIFICADO

Com garantia quimica e bacteriologica, sem escusada pasteurização ou esterilização, proprio para administrar não fervido a creanças, debilitados, convalescentes, doentes ou pessoas de idade. Vende-se em embalagens especiais, inviolaveis, selado e posto no domicilio.

Pedidos á Leitaria de Carcavelos—Largo do Foço Novo, N.º 30 ou pelo Telefone T. 1311

SANOGYL

Evita e Cura

PASTA DENTIFRICA

EMBALAGEM ESPECIAL PARA PORTUGAL

A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

Deposito geral: INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA — R. Nova do Almada, 69

—Piorreia alveolar—
Estomatites—Gengivites, etc.

O QUE VAI LA' POR FORA**Poeira do Mundo**
Da Inglaterra

LONDRES, 6

Voltou hoje a estar bom tempo em Bognor, tendo-se levantado cedo o Rei e saído para os jardins da Craigwell House, antes de almoço.

Durante a ultima semana, o Rei tem sentido melhoras do reumatismo no ombro esquerdo, de que tem sofrido. Todavia, a partir de amanhã, ser-lhe-ha aplicado um tratamento especial de diatermia pelos dois especialistas de electroterapia drs. Howitt e Woods.

O Rei deu a sua aprovação ás seguintes recompensas concedidas por serviços distintos prestados durante a recente evacuação de Kabul, levada a efeito pela aviação britânica:

A Cruz de Aviação para o chefe de esquadilha Reginald Maxwell, tenente Ronald Chapman, tenente Claude Leighton Trusk e Lionel Anness;

A medalha da aviação ao aviador Georges Donaldson.

Sir Samuel Hoare, ministro da aeronautica, chegou ontem a Khartoum, tendo gasto apenas seis dias na viagem, pois partiu de Londres, no sabado ultimo, pela nova linha aerea Inglaterra-India, até Alexandria, de onde seguiu para o Sudão num aparelho especial.

Sir Samuel Hoare irá tanto ao sul quanto o tempo lho permita, a fim de inspecionar a projectada rota do novo serviço aereo do Cairo á cidade do Cabo, devendo estar em Londres antes da reabertura do Parlamento, a 15 do corrente.

Foi recebida da China, uma nova encomenda de 12 aviões ligeiros «Dehaviiland Moth», o que eleva a encomenda chinesa a 22 aparelhos.

Depois de muitos anos de limitado negocio com a China, este renascimento de relações abre um novo mercado á industria britânica de aeronautica.

O vice almirante Evans, recentemente nomeado para comandar a armada australiana, partiu ontem de Londres para embarcar em Malta com destino áquele dominio britânico.—(L.)

Solar da Alegria

P. da Alegria, 56

Telef. 4325 N.

Ercilia Costa

Cantadora de raça, alma de fadista de tanto e tanto sentimento no seu cantar dolente, que inebria, suplantando quanto se pode imaginar.

Hoje, sabado

e amanhã, domingo, em sessão especial, dedicada á familia

Armandinho

o melhor guitarrista, acompanhado de Georgino de Sousa.

Almoços, Jantares e Ceias

—O nosso serviço de cozinha é o melhor, afirmado pelos nossos estimaveis clientes.

ALVAIADES...

“ELEFANTE”

“FLOR DE LIZ”

... São os melhores...

CENTRAL
cinema
HARRY PEEL contra
ARSENE DUPIN

ULTIMAS NOTICIAS

Navalhas de barba
Tesouras de costura,
barbeiro, manicure, etc.
Laminas para barbear
RUGRA
são as melhores

A FESTA INSULAR

A homenagem à Madeira e Açores dos estudantes de medicina

Vai para dois anos que os estudantes do Porto, do curso do 3.º ano medico, hoje quintanistas, esvoaçaram por sobre as pérolas do Atlantico. Alegres, parecendo descuidados, foram, todavia, observar, sentindo bem na alma a brandura de costumes, a afabilidade de trato, o espirito franco e hospitaleiro dos ilheus mais simples, a delicadeza requintada, a cultura e fina emotividade dos seus mais altos espiritos.

Jovens ao mesmo tempo que na alma limpa e revolta ficaram as impressões de amor como as obrigações do reconhecimento, observaram as belezas naturais, as riquezas economicas e, como é natural da sua condição, impressionaram-se vivamente com o nivel cultural da Madeira e dos Açores. E como portugueses dos que mais são, sentiram em si a revolta pelas condições de isolamento a que tem estado votadas aquelas ilhas, separadas do continente por uma nésga de mar.

Hoje, que as palavras atravessam os ares com uma rapidez fantástica, não é compreensível que seja o mar carcereiro dos brilhantes espiritos ilheus, privando-os de contribuir, como merecem, para a cultura nacional. As edições da Madeira e dos Açores são quasi só para madeirenses e açorianos, como se fossem para nós de patria estranha. E, todavia, quantos merecem ser lidos e pensados, principalmente por quem traz nos ombros uma capa de responsabilidades futuras?

Assim viram e pensaram os intelectuais que, ha anos, visitaram as ilhas, talqualmente os estudantes que lhes foram na peugada. Aqueles fizeram já as suas afirmações, este preparam agora a oportunidade para as fazer no local e na forma que lhes são mais proprias.

E' dentro da sua Universidade, no coração do Porto, como quem diz, no coração do Norte, que os estudantes vão realizar, no proximo dia 22, aniversario da excursão, a *Festa Insular*.

Com particular cuidado no chamamento da atenção dos colegas, mas dirigindo-se a todos os continentais, serão expostos livros de açorianos e madeirenses, á mistura com produções dos seus melhores artistas, e recordações varias que os estudantes trouxeram, a testemunhar a razão das suas enormes saudades.

A *Festa Insular*, onde tomarão a palavra varios estudantes, vai ser enriquecida pelo fulgor de alguns intelectuais que lhe darão honras do mais alto interesse.

Dentro em pouco, portanto, as nossas lindas Ilhas Adjacentes deixarão de ser para os estudantes como para todos os portugueses as *Ilhas desconhecidas*, para serem as *Terras de maravilha*, cuja boa alma portuguesa e cujos labores intellectuais devem ser estudados e sentidos.

"Eterna Mocidade"

(Continuação da 4.ª página)

Raul de Carvalho devia ter feito a personagem de Carlos Santos, e vice-versa.

Não tenho espaço para explicar porquê; mas se quiserem direi da minha justiça... Alfredo Ruas, rebelde como um pardal. Grijó, compôs a figura com relêvo. Sacramento, natural. Gil Ferreira, exemplar no criado. Não são apenas os grandes papeis que destacam os artistas. A adaptação da peça, pelo dr. Mario Menteiro, Mario Barros, e Arnaldo Brandeiro, alegre, e talvez, muito portuguesa. O publico riu amiúde — conquistado. Adelina teve, no segundo acto, repetidas chamadas.

Artur Portela

UMA GRANDE MANIFESTAÇÃO

No funeral de João Franco INCORPORARAM-SE milhares de pessoas

A poucas horas da abalada final para a terra que lhe foi berço, o cadaver do Conselheiro João Franco recebe na Basilica da Estrela, entre lágrimas e flôres, as homenagens derradeiras da capital.

A meio do templo, um catafalco negro e ouro, e sobre ele, envolto no pano fúnebre, o caixão que encerra os restos mortais do lutador.

A amizade juncou de flores o chão tapetado, como se um tufão houvesse sacudido os jardins da cidade e as pétalas das rosas e das camelias fossem cair ali, levadas pelo vento, aos pés do roble que a morte abateu.

E as flores cercam o ataúde, trepam por ele, alcançaram-se já em cima, no topo, a portarem ricas e pobres, imponentes e singelas, um lugar mais proximo na amargura do preito.

A par da cruz de rosas modestas que os criados depuseram, vêem-se as corôas ricas que as pessoas de condição ofertaram á memoria do politico e do amigo.

Legendas das dedicatórias: «Os seus companheiros dos dois ministerios a que presidiu», «Fernando Martins de Carvalho», «O prior e o povo de Alcaide, ao seu inolvidavel amigo e patriota», «Os deputados regeneradores liberais», etc.

Resaram-se missas ás 10, ás 10,30 e ás 11 horas. A ultima, seguida de «Libertação», celebrou-a o sr. dr. Domingos Nogueira, prior da Estrela, assistido por toda a Irmandade e por numerosissimos fieis.

Depois, como durante a noite inteira, como sempre, desde a primeira hora da trasladação, foi um vai-vem constante o desfile de admiradores e de amigos.

A's 2 horas velavam o cadaver os srs. dr. Canavarro, Antonio Abreu Pereira Coutinho, Gonçalo Abreu Pereira Coutinho (Paço Vitorino), Albino Freire de Andrade, Alvaro Sampaio Albuquerque Melo e Faro, conselheiro Alves Ferreira, e instritor do processo do Angola e Metropole; e um grupo de estudantes das escolas superiores.

Sobre uma mesa colocada á entrada do templo, três grandes salvas de prata estão já a trasbordar de cartões; os nomes inscritos nas folhas de assistencia não podem contar-se já, de tantos que são.

Começaram os sinos da Basilica o seu dobre triste de finados; e parece que a plangencia daqueles sons se confunde com o segregar das orações que os labios crentes murmuram implorando a clemencia de Deus á volta do caixão.

E' a hora de funeral que se aproxima.

O funeral

A trasladação do corpo da Basilica da Estrela para a Estação do Rossio, donde seguirá ás 9,50 da noite para o Alcaide, onde o velho estadista ficará eternamente repousando, estava marcada para as 5 horas. Mas já muito antes havia um mar de gente em frente ao templo.

Amigos politicos e pessoais; senhoras; simples curiosos; gente de todas as camadas sociais aguardava a passagem do homem que foi o politico mais discutido do seu tempo.

Dirigia o servido de policia o sr. capitão Nogueira, coadjuvado pelo chefe Maia e pelo sub-chefe Silvano.

Dentro do templo, á volta do ataúde, comprimia-se uma multidão respeitosa.

Nomes? Para quê? Basta dizer-se que se contavam por centenas, e que entre eles havia do melhor que ha na sociedade portuguesa, em todos os campos, con-

fundidos com a massa humilde, naquela despedida derradeira.

Fardas do Exército e da Marinha. Antigos conselheiros, antigos ministros, magistrados, jornalistas. Entre eles um homem que foi uma bandeira, uma bandeira que se abate envolta em crêpes em homenagem ao governante illustre que conseguiu galvanizar o país, com as suas palavras e os seus actos; Henrique Paiva Couceiro, o famoso «Agá-Pê-Cê» dos artigos de propaganda da tentativa franquista.

Agora, chegam entidades officiais: o comandante Pedroso de Lima, representante do Chefe do Estado; os srs. ministros das Finanças e da Justiça, srs. drs. Oliveira Salazar e Mario de Figueiredo; representantes dos outros ministros.

Atrás do coche que ha-de receber a urna, para uma sége, com os srs. prior e coadjutor de Santos.

No ultimo turno na igreja tomaram parte os srs. capitão-tenente Pedroso de Lima, representante do sr. Presidente da Republica, ministros das Finanças e da Justiça, Conego Martins Pontes, representante do senhor Cardeal Patriarca, Monsenhor Alberto, representando o sr. Arcebispo de Milene, Conselheiros Aires de Ornelas, Terra Viana, Vasconcelos Porto, Ernesto Driesel Schroeter e Malehiro Reimão; Tavares de Carvalho, dr. Santos Lima, Henrique de Paiva Couceiro, Henrique Teixeira, Julio Cau da Costa, Conde de Mafra, Manuel Figueira Freire da Camara, Rocha Martins, João de Azevedo Coutinho, coronel João de Almeida, almirante Pedro de Azevedo Coutinho, dr. Agostinho de Campos, D. Tomás de Vilhena, almirante D. Bernardo da Costa (Mesquitela), Visconde de Assêca, coronel Raul Esteves.

O sr. Visconde de Assêca representava o sr. D. Manuel de Bragança e a familia real exilada.

A's 5 horas e 10, o sr. prior de Santos fez a encomendação do corpo.

Em seguida, foi a urna conduzida para o coche fúnebre, pegando ás borlas os srs. ministro das Finanças, ministro da Justiça, general Domingos de Oliveira, governador militar de Lisboa, coronel Raul Esteves, almirante Pedro de Azevedo Coutinho, Monsenhor Alberto e coronel João de Almeida.

Transportava o espadim e o chapéu armado de João Franco, seu sobrinho o sr. Guilherme Carnide.

A multidão era tão grande que os dirigentes do funeral — os srs. Conselheiros Aires de Ornelas e Martins de Carvalho, drs. Agostinho de Campos e Pedro Gaivão e Tavares de Carvalho — se viram impossibilitados de formar mais turnos.

O funeral em que se incorporaram muitas centenas de pessoas seguiu depois, pelas ruas da Estrela, Saralva de Carvalho e Visconde de Santo Ambrosio, Praça do Brasil, Rua Alexandre Herculano, Avenida da Liberdade, Largo D. João da Camara e Rua 1.º de Dezembro.

Por todo o percurso, e principalmente nas imediações do Rossio, viam-se numerosas pessoas aguardando o feretro que á hora a que fechamos o nosso jornal esta chegando ao Rossio.

JANTARES - CONCERTO

Todos os dias no
Grande Hotel d'Italia
MONT'ESTORIL

UMA RECLAMAÇÃO

A iluminação do Terreiro do Paço e a de determinadas ruas

Chamamos a atenção da Camara Municipal para o assunto desta carta:

«Sr. Director: — Rogo-lhe a fineza de inserir no *Diario de Lisboa* esta pequena reclamação para ser vista e ponderada por quem de direito.

Como V. sabe, a rua Nova do Almada ha muito que está empedrada desde a esquina do Chiado até á esquina da rua de S. Nicolau.

Desta ultima até á esquina da Calçada de S. Francisco está o pavimento em terriço, continuando dali em diante o empedramento.

Resulta que neste troço da rua Nova do Almada, onde está o nosso triste Palácio de Justiça e se encontram duzias de escritorios forenses, comerciais e industriais, e até consultorios medicos (sem falar nas casas de habitação) ha centenas de pessoas condenadas a verem, no verão, seus compartimentos invadidos por ondas incessantes de poeira, levantadas pelos inumeros automoveis e carroças que por ali transitam de dia e de noite a toda a hora e a cada instante.

Não ha nada que explique este descalcetamento da parte inferior da referida rua; e porque assim é, e porque não é justo condenar os que nesta têm a sua habitação ou exercem as suas profissões, a conservarem hermeticamente fechadas as suas janelas quando a sua abertura lhe é mais precisa, e ainda porque a reparação desta injustiça seria de um custo insignificante, o *Diario de Lisboa* prestaria um grande serviço ás pobres victimas daquele desleixo municipal juntando a sua autorizada voz em prol desta justissima reclamação, — o que pela minha parte lhe ficaria eternamente grato.

— Um leitor e admirador do «*Diario de Lisboa*».

Recital Florinda Santos

A jovem e talentosa pianista Florinda Santos realiza hoje, sabado, pelas 21 horas, no Salão do Conservatorio, um recital de piano, com um valiosissimo programa, onde brilha no lugar de honra o Carnaval de Schumann.

Este concerto tem despertado o mais vivo interesse, pois Florinda Santos já tem um publico numeroso que aprecia e admira as suas qualidades de brilhante técnica e temperamento arrebatadamente expansivo.

No programa, inteiramente desempenhado por Florinda Santos, figuram ainda Chopin, com cinco estudos, um «Improviso», e a formosa «Badalada em sol menor»; trechos de Debussy; do malogrado compositor português Lima Fragoso, e de Manuel de Falla, cujas famosas «Dança de fogo», e «Dança da Vida Breve», devem fechar o belo concerto.

SALAO AUREO

246, RUA DO OURO, 248

A. Pedrosa

participa ás suas estima veis clientes que regressou de Paris e que inaugura a estação de verão na proxima segunda-feira, 8.

A lotaria de hoje

1749...	400.000\$00	519...	3.000\$00
4568...	60.000\$00	1152...	3.000\$00
1045...	20.000\$00	2220...	3.000\$00
87...	3.000\$00	6308...	3.000\$00

PORTO



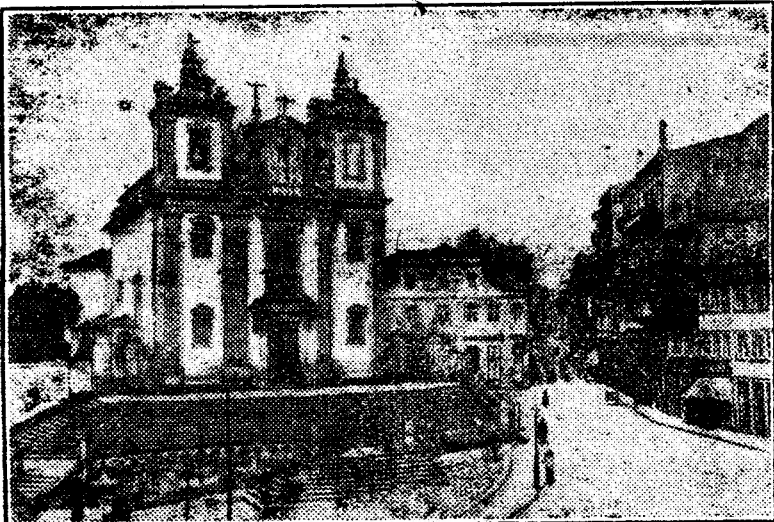
Leisidoscópicas gradações.

O Porto, engastado como gema preciosa na Região bendita do Douro — lindo sorriso aberto e franco da terra portuguesa — onde, os seus pampãos ubérrimos, numa orgia ritmada de cambiantes esmeraldinos, parecem tecer ditirambos á natureza, numa apoteose anacreontica, é de um pitoresco «sui generis» que lhe dá um cunho muito especial e belo, dessa beleza muito particular das filigranas dos seus habéis artífices. Lindíssimos motivos de beleza se podem focar a todo o momento na importante capital nordista.

Arterias moderníssimas, onde circulam um sangue novo e impetuoso se rasgam e estadeiam numa ancia insofrida de

brou as algemas que acorrentavam os portuenses, resgatando-os do poder musulmano.

Entre o Porto monumental, pois, não são poucos os edificios nesta terra que mereçam tal nome, visitamos, quando da nossa recente estada ali, a convite do seu proprietario e importante industrial sr. A. da Silva Marta, o magnifico edificio construido especialmente para cinema, edificio este construido com todos os requisitos modernos, que ficará sendo o cinema mais importante do Porto, e rivalizará com as melhores casas de Lisboa do género. A inauguração desta luxuosa casa de espectáculos, será efectuada nos fins do mês corrente e chamar-se-ha



Igreja de Santo Ildefonso

Impressões do Porto?! As melhores possíveis. Terra que progride numa vertigem propria da hora que passa, asombrando-nos o desenvolvimento porque ultimamente tem passado o seu prosperissimo commercio e a sua florescente industria, a mais importante do país.

Sinfonia de cor! Sinfonia de sons! Sinfonia de tudo! O tudo em movimento... o movimento e tudo: o movimento é tudo: — A sinfonia de uma grande e moderna «Urbis».

Baralho desigual de cartas desconexas e variegadas em igualdades estranhas? Sinfonia da posse e do terror do novo: — econoclastico e paradoxalmente criador.

Em movimentos sincopados — simultaneamente estudos dinamicos e extáticos — metralhados de sonoridades melodicis que imobilizam a concepção, ouvimos, na colossal bigorna, o incomensuravel estrondo do forjar dos grandes feitos que arrebatam e nobilitam, até á lama que se arrasta putrida que, avilta e envenena.

Depois de gizar estas linhas, vamos tentar a projecção verosimil do multifulcro donde tem emanado quasi todos os grandes ideais e todos os arrebatamentos do mais puro e acendrado patriotismo — a nobre Cidade Invicta.

Fuquerrima vida onde a silhueta conairosa e gracil de suas lindas mulheres deixam, ao passar, um rasto de subtlis elegancias de uma linha do mais puro helinismo, perfumando o ambiente em

progresso que, se quaduna admiravelmente com a indole tripeira, sempre pronta para tudo que represente generosidade, actividade e iniciativa.

O duque de Bragança, D. Pedro IV, determinou que o Porto se denominasse, *Antiga, Muito Nobre e Sempre Leal e Invicta Cidade*, em memoria da nobreza e heroicidade havida pelos seus habitantes, em todos os transes que tem assolado a Patria.

O seu brazão de armas que, afanosamente se orgulha de hastear, é um escudo esquartelado, tendo no primeiro e quarto quartel as armas de Portugal, e no segundo e terceiro as antigas armas da cidade. Em campo azul Nossa Senhora de Vandóma, com o Menino Jesus nos braços, entre duas tórris e com a legenda *Civitas Virginis*. No centro do escudo tem um escudete de purpura, com um coração de ouro no meio — o coração de D. Pedro IV legado por este á cidade do Porto, e que está guardado num cofre, na igreja da Lapa. O escudo é cercado pelo colar da Ordem da Torre e Espada, da qual pende o hábito desta Ordem. Encimado por uma corôa ducal. Timbre, um dragão verde, tendo atado ao pescoço uma faixa com a legenda *Invicta*.

Desde os tempos mais afastados que, a nobre cidade Invicta tem dado lições de civismo, heroicidade, sacrificio e liberdade a todo o resto do país. Já no ano 820 El-Rei D. Afonso I, heroica vergonteia do ramo illustre de Pelato, que-

sitivo é que a fundação de Vila Nova de Gaia, é muito remota — a *Cale* dos romanos —, e anda muito de perto, ligada ao arbusto que foi Portugal no seu inicio que, mais tarde se tornou gigantesco roble, no tempo de D. Manuel, o «Venturoso». Belamente situada, a importante Vila Nova de Gaia emoldurada de pitorescos e encantadores arrabaldes, tem pontos de vista que estaziam pela sua beleza. Desembocando do taboleiro superior da ponte D. Luis, o panorama que se desenrola á nossa vista é deveras surpreendente: em prolongamento da ponte a linda Avenida da Republica, com belos e modernos edificios; á direita o magestoso jardim com um interessante mirante, de onde se disfrutam vastos panoramas; á esquerda, o historico mosteiro da Serra do Pilar.

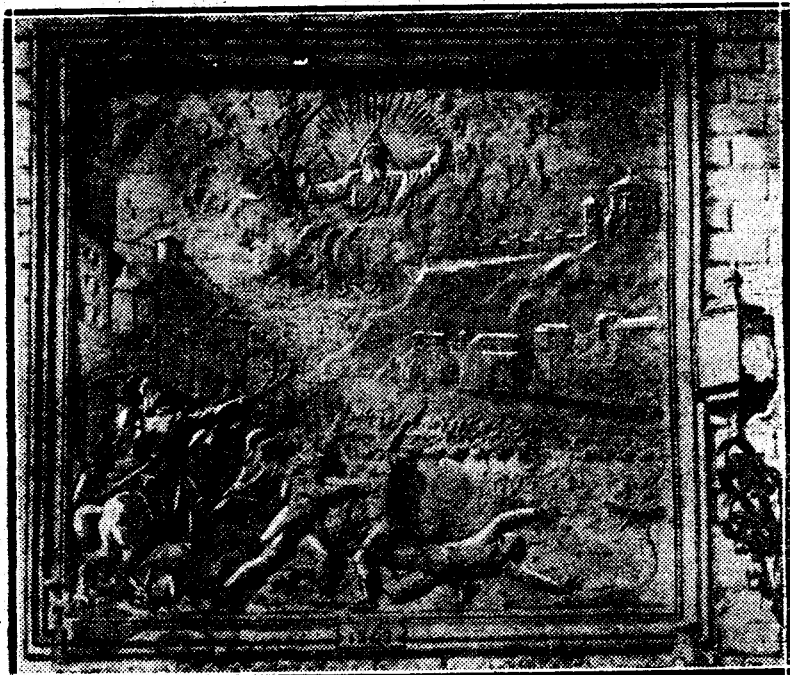
Foi em 1809, fez ha poucos dias, 28 de Março, anos que se deu ali uma horrivel catastrophe, quando das evasões francezas, Soult á frente do seu Exercito tomou o Porto. Esta catastrophe conhecida pelas *alminhas da ponte*, causou tantas victimas que encheu de horror os proprios invasores.

Quanto D. João I deliberou conquistar Ceuta em 1415, o Porto contribuiu, como se sabe, com varios navios, tropas e munições para essa gloriosa empresa. Foi o infante D. Henrique recolhê-los, e capitaneou-os até Lisboa; e nesse tão valioso quanto patriótico donativo feito espontaneamente pela nobre cidade, tomou Vila Nova de Gaia, grande e honrosa parte, podendo por isso, orgulhar-se de ter contribuido para essa formidavel expedição, que teve por fim destruir o covil dos piratas africanos que infestavam os nossos mares e lesavam consideravelmente o nosso commercio, saqueando os navios mercantes.

Estes dois factos que apresentamos, são bem eloquente prova do mais elevado patriotismo, grandeza e espirito de sacrificio que orna o caracter da grei duriense, desses valentes netos do vetusto *Portus Calle*.

A villa começou a ser iluminada ao mesmo tempo que o Porto, por decreto de 5 de Outubro de 1824, sendo consignado para essa despesa o imposto de dois reis em cada arretel de carne de vaca e de porco, e o rendimento da ponte das barcas.

Vila Nova de Gaia, ponto onde converge todo o vinho da vasta e rica região duriense, é o centro mais importante do país onde se fabricam os preciosos e famigerados vinhos conhecidos em todo o mundo, com o nome de Vinho do Porto. A exportação destes vinhos para o estrangeiro, orça anualmente por alguns milhões de escudos, caudal este de ouro, que muito vem beneficiar as nossas finanças e concorrer para o equilibrio do nosso estado economico.



O painel das «Alminhas da Ponte»

O Comercio e a Industria do Porto

RENANIA-FOSFATO

30 0/0 de acido fosforico solu-
vel no acido critrico e no ci-
trato de amonia; 40 0/0 de ca-
latica; 12 0/0 de sodio; magne-
sia, potassa, etc.
O melhor adubo da sua classe
para todas as culturas
Soria Ltd. — R. do Comercio do Porto, 148, 1.º
PORTO

Domingos dos Santos Maia & C.ª

Societarios e gerentes da firma Figueiredo & Maia, Ltd.
Caes da Ribeira, 43 e 43-A — Telef. 2341
Escritorio — RUA DO HERIKMO, 177, 179-A
PORTO



VINHOS
DO
PORTO

CALEM

AS MAIORES RECOMPENSAS

MALA INVENCIVEL

FABRICANTE

Joaquim Alfena & C.ª

Rua Sá da Bandeira, 386 — PORTO
A casa que mais barato vende
Desconto para revender

LUIZ FERREIRA ALVES & C.ª

BANQUEIROS

CASA FUNDADA EM 1874

COMPRA E VENDA DE PAPEIS DE CREDITO

Todas as operações bancarias

21, PRAÇA DA LIBERDADE, 22
PORTO

TELEFONE 39

Telegramas: ZLNTH

Banco Portuguez e Brasileiro

Fundado em 1891

Capital realizado Esc. 10.000.000\$00
Fundo de reserva. 11.229.405\$76

Séde em Lisboa: Rua Augusta, 34 e 36

Filial no Porto: Praça Almeida Garrett, 52

Agencia do Banco do Brazil — Operações bancarias de todo o genero

ESTABELECIMENTO DE CHA E CAFE

Faria & Irmãos

Sucessores de

José Antonio de Faria

Completo sortido em chá, café, cevada, chicoria
cacao nacional e estrangeiro, assucar, bolacha, chocolate,
stearina e muitos outros artigos

235, RUA DO MOUSINHO DA SILVEIRA, 239
Telefone, 1389 — PORTO

Companhia de Moagens Harmonia

Telef. 754

End. Teleg. FREIXARMONIA

Rua Dr. Souza Viterbo, 42, 1.º — PORTO

CEREAES E LEGUMES

Augusto Castro & Ferreiras

Largo Sá Noronha, 2 PORTO

Telephone 350

Endereço telegrafico — CAFER

Agencia de Publicações DE

A. DIAS PEREIRA & C.ª
Praça da Liberdade, 129 PORTO

JORNAIS — Encarrega-se da venda e distribuição de todas as publica-
ções.

TABACOS — Grande sortido em cigarros e charutos, das melhores
procedencias, bem como de artigos para fumadores.

LOTARIA — Variadissimo sortido de bilhetes, meios e decimos para
todas as extracções aos melhores preços do mercado.

Pedidos á

A Casa Mais Feliz do Norte

Calçado ATLAS

A marca que pela perfeição do seu fabrico e optima qualidade dos materiais com que é feito,
tem conquistado sempre a preferencia do publico em todos os logares em que aparece!

Fabrica e Escritorios: Rua Herois de Chaves 624 a 640 — PORTO

Telef. 2757 e 2768 Teleg. ATLAS

26 Depositos para vendas directas ao publico, assim distri-
buídos: 4 em Lisboa, 10 no Porto, 1 em Coimbra, 1 em Braga, 1 em Vi-
zeu, 1 em Santarem, 1 nas Caldas da Rainha, 1 em Torres Vedras, 1 na
Covilhã, 1 em Vila Real, 1 em Matosinhos, 1 na Madeira e 2 nos Açores.

Restaurante O ESCONDIDINHO

ANTONIO JOAQUIM DA SILVA

RUA PASSOS MANUEL, 176 — Telef. 79 — PORTO

O melhor restaurante do Porto

Cardoso Rego & C.ª Ltd.

Rua de S. João, 88 — Porto

Armazem de Merceria e Refinação de Açucar

Especialidade em bacalhau, sabão e petroleo em grande escala

O Comercio e a Industria do Porto

Rodrigues, Silva & C.^a, L.^{da}
Cereais, Legumes, Farinhas e Sementes
RUA DA PICARIA, 6
PORTO
TELEFONE 4718

TELEFONE 3147
Empresa Textil
da Cuca, Ltd.
Fabricas de Placão e Tecidos
FABRICAS:
Moreira de Conegos—VIZELA
ESCRITORIO:
R. Passos Manuel, 58—PORTO

COMPANHIA CERAMICA DAS DEVEZAS
Vila Nova de Gaia — Telefone 252
FABRICA NA PAMPILHOSA
VENDE
TELHAS tipo Marselha e Nacional
TUBOS de grés e accessorios
TIJOLOS de todos os tipos
TIJOLOS REFRACTARIOS
ARTIGOS SANITARIOS, lavatorios, bacias para re-
tretes, bidets, etc.
O MELHOR FABRICO NACIONAL
ENTREGA IMEDIATA

Barbosa & Cunha
Cereais, Farinhas e Sementes
Praça Guilherme Gomes Fernandes, 41 e 43,
PORTO
Filial em Vila do Conde
Telefones: 2618
gramas: FARIFLOR

SOUZA CRUZ & C.^a LTD.
Banqueiros
13, Praça da Liberdade, 14
Effectuam todas as operações
bancarias
Serviço especial de Sobretaxas de exportação e de Bilhetes de tesouro.

Cofres à prova de fogo

Primeiros fabricantes em Portugal de cofres à prova de fogo—Construção solida e isolamento garantido.

Fornecedor da Caixa Geral dos Depósitos e dos Correios e Telegrafos

Construtores da casa forte dos srs.

Borges & Irmão (Séde)

João Thomaz Cardoso, F.^o Suc.^{es} L.^{da}

RUA SA DA BANDEIRA, 92

PORTO

TELEFONE 476

TELEGRAMAS—COFRES

Os melhores **COTINS** de Algodão e
ALPACAS com seda são fabricados

NA

Fabrica de Tecidos do Campo do Cirne

DE

CARLOS JOAQUIM TAVARES, SUCESSORES

Rua Joaquim Antonio d'Aguiar, 146

TELEFONE, 876

PORTO

Telegramas «COTINS»-Porto

Joaquim B. de Sousa

Armazem de batata, castanha
e cereais

Rua da Estação, 113

Telefone 420 — PORTO

CRISANTEMOS

Ultimas novidades

Em distribuição gratis o catalogo 53

PEDIDOS A

Alfredo Moreira da Silva & Filhos

Rua do Triunfo, 5 — PORTO

PEDRO ANTELLO & C.^a, Suc.

ARMAZEM DE MERCEARIA

R. Infante D. Henrique, 16 e 18

PORTO

— TELEFONE 1346 —

Delim Pereira Barquinha

Exportação de vinhos. Tanoeira a vapor

TELE { FONE, 1194
GRAMAS: DELQUINHA-GAIA

Usa-se o Codigo RIBEIRO

Rua José Falcão

Vila Nova de Gaia — Portugal

Armazem de cereais, legumes e farinhas e massas alimenticias

Por junto e a retalho, de JOSE FERREIRA BARTOLO — (Casa fundada em 1854)—101, Rua Sá Noronha, 105—(Antiga Moinho de Vento)—Telefone, chamadas ao n.º 1647—Filial: Rua da Trava-gem—FRANCOS.

PORTO



Restaurante

Comercial

O melhor restaurante
do norte do País

R. Infante D. Henrique

PORTO

A COMPETIDORA

Os mais importantes estabeleci-
mentos de Espelhos, Moldu-
ras, Estampas, Vidros, Cris-
tais e Louças

Pedro Gomes, Limitada

383, Rua Sá da Bandeira, 389

PORTO

O Comercio e a Industria do Porto

OURIVESARIA CUNHA

José Pinto da Cunha, Sobrinho

JOIAS E OBJECTOS D'ARTE

Rua 31 de Janeiro, 200

Telefone N. 1823

End. Tel. EMERALDAS

PORTO

Papéis de credito, cambios, moedas ouro e prata em barra
compra e vende aos melhores preços do mercado

Rua Sá da Bandeira, 1 a 5

Telefone 1163

PORTO

Augusto Dias Paranhos

Fabrica de Moagem da Granja (Campanhã)

FARINHAS E SEMENTES

ESCRITORIO: Rua Porta do Sol, 12

PORTO

Telef. { ESCRITORIO | 1464
FABRICA

OS VINHOS BORGES ... SÃO VINHOS

A. DA SILVA MARTHA

Estancia de madeiras nacionais e estrangeiras

Grande stock de madeiras aparelha-
das para construção a preços mais
baratos que nas fabricas

R. Nova da Lomba, 63 (a Pinto Bessa)

TELEFONE 4850

José Barbosa Ribeiro & C.^a

Proprietarios da

Casa de S. José

168, R. das Flores, 170 - PORTO

Convidam os seus Exm.^{os} clien-
tes e amigos a visitarem a sua
casa, apreciarem o seu sortido de
artigos religiosos e confrontarem
os seus preços!

Moinhos Reunidos, Ltd.^a

Delegação no Porto: Rua dos Clerigos, 44

Endereço Telegrafico: CARTEL-PORTO

Telefone P. B. X.: 1857, 1858, 1859

SEDE EM LISBOA

Rua 1.^o de Dezembro, 122 -- LISBOA

Carvão «Extra Inglês» Britado

Sem cheiro e sem fumo — Qualidade se-
leccionada por **Carlos Silva & C.^a**,
Lt.^a — Superior a todas as marcas que
existem no mercado — O melhor e o
mais economico para cozinhas até
hoje conhecido

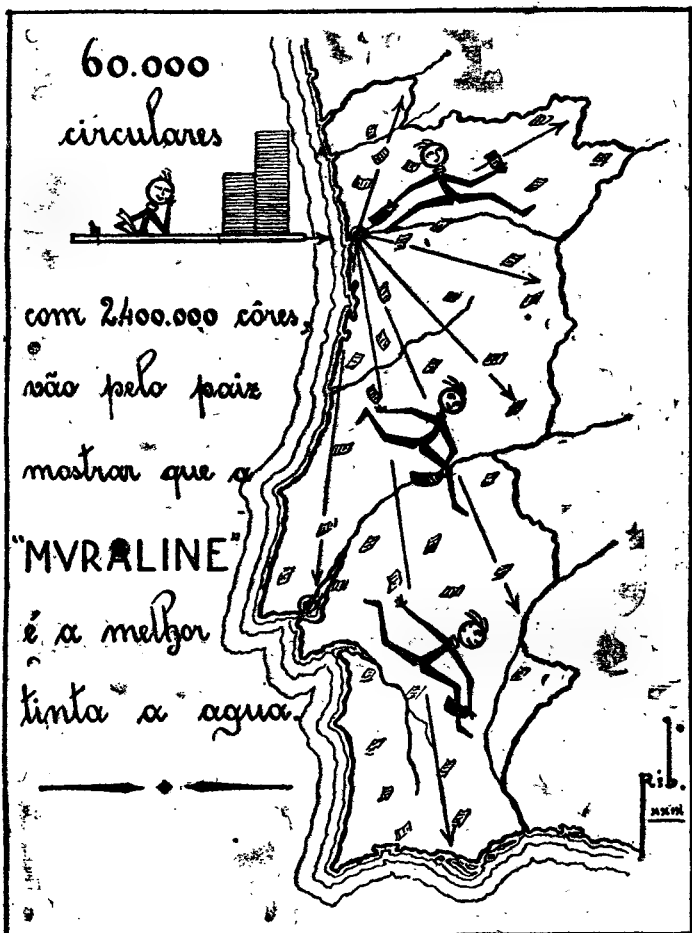
Sede: Rua Sá da Bandeira, 283, 1.^o

Escritorio de entrega:

Largo do Terreiro, 5 e 6

(Ao fundo do Infante D. Henrique)

— Telefone 2340 — PORTO — Portugal —



Mario Costa & C.^a L.^{da}

R. Almada, 30, 1.^o - PORTO

à venda nas drogarias de Lisboa

COMPANHIA HORTICOLA

QUINTA DAS VIRTUDES

— PORTO —

Fundada por José Marques
Loureiro em 1849

Entre os mais variados artigos Hor-
ticolto-Agrícolas, tais como arvores de
fruto, adubos, sementes e muitos ou-
tros artigos da mais absoluta confiança.

Prefiram

sempre

os adubos

desta marca

Companhia Hortícola



BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada — Banco Emissor das Colonias

Séde: R. do Comercio — LISBOA

Capital Realizado: Esc. 50.000.000\$00

Reservas: Esc. 49.000.000\$00

Filiais e agencias no Continente—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Covilhã, Coimbra, Évora, Elvas, Estremoz, Faro, Figueira da Foz, Guimarães, Guarda, Fundão, Lamego, Leiria, Ovar, Portalegre, Portimão, Penafiel, Porto, Regua, Santarém, Setúbal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Santo António, Vila Real de Trás-os-Montes e Viseu.

Madeira—Funchal, **Açores**, Angra do Heroísmo e Ponta Delgada—**Cabo Verde**

—S. Vicente e S. Tiago.—**S. Tomé**—Príncipe.—**Guiné**—Bissau e Bolama.

Correspondente e Agente Geral em Angola e Congo Belga—**BANCO DE ANGOLA**—com Filial em Loanda e Agencias em Cabinda, Novo Redondo, Benguela, Vila Silva Porto (Bié), Malange, Lobito, Mossamedes, Sa da Bandeira (Lubango) e Kinshassa (Congo Belga).

Africa Oriental—Beira (Agencia), Banco da Beira, Lourenço Marques, Tete, Moçambique, Inhambane, Chinde, Quelimane e Ibo.

India—Bombaim, Mormugão e Nova Góa—**China**—Macau—**Timor**—Dilly.—**Brasil**—Rio de Janeiro, Pernambuco, S. Paulo, Pará e Manaus.—**Inglaterra**—Londres.—**Francia**—Paris.—**Estados Unidos da America**—Agencia em New-York.

Operações bancarias de toda a especie no Continente, ilhas adja-
centes, Colonias, Brasil e restantes países estrangeiros

O Comercio e a Industria do Porto

UM

“PORTO DE HONRA”

SÓ

COM VINHO

“FERREIRINHA”

Sociedade de Cereais e Farinhas LIMITADA

Sede no Porto:

Filial em Lisboa:

Travessa da Fabrica, 2, 1.º

Campo das Cebolas, 33 e 34

TELEFONES 2236 — Estado 119
GRANDES — Legumes

TELEFONES 120-C. — Estado 260
GRANDES — Legumes

Banco Aliança do Rio de Janeiro

Endereço telegr.: “BANCALLI” — RIO DE JANEIRO

Caixa Postal n.º 924 — Rua da Alfândega n.º 32

RIO DE JANEIRO — BRAZIL

Correspondente geral em Portugal

BANCO ALLIANÇA

Rua Mousinho da Silveira — PORTO

Secção Predial e de Procuradoria — Administração de propriedades no Rio de Janeiro

Cobrança de juros e dividendos de títulos — Liquidação de heranças

— Averbacões — Compra e venda de títulos e papéis de credito

— Depósitos á ordem e á prazo, descontos, transferencias de fundos para qualquer paiz e quaisquer outras operações bancarias

CAFE DO GELO

ROCIO, 64

Servem-se os deliciosos e acreditadissimos BIPES NA FRIEIRA.

Magnifico salão de bilhares

Telefone N. 5282

Rocio 64 -- LISBOA

SOCIEDADE FOMENTO INDUSTRIAL, LTD.

(Fabricas de Moagem da Senhora da Hora)

Telegramas: “FOMENTO” — Porto

Telefones: Escritorio, 554 — Fabrica, Senhora da Hora, 11

Rua das Carmelitas, 32 -- PORTO

Ventura, Coelhos, Connhago & C.ª

CASA BANCARIA

Saques á o estrangeiro, Moedas, Coupons, Títulos Estrangeiros e Nacionais, Ouro e Prata em Barra, Depósitos á Ordem e á Prazo

PORTO — 5, R. 54 da Bandeira, 7
Telefone, 118 Telegramas, VENELHAG.

LISBOA — Rua do Ouro, 203
Telefone 6 368 Telegramas, VENELHAG.

BORGES & IRMÃO

BANQUEIROS

LISBOA

PORTO

RIO DE JANEIRO

Todas as operações de banco e de bolsa ás melhores cotações do mercado.

BANCO LISBOA & AÇORES

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Fundada em 1875

Capital Esc. 10.000.000\$00

Séde em Lisboa: RUA AUREA, 88 — Telefones Central n.ºs 1793, 1794 e 1795

Filial no Porto: AVENIDA DAS NAÇÕES ALIADAS — Telefone n.º 93

Principais operações

Depósitos á ordem e á prazo — Descontos — Cobranças — Transferencias para provincias, ilhas, Açores e Madeira — Compra e venda de cheques e letras sobre o Estrangeiro — Contas correntes com juros em escudos ou moeda estrangeira — Cartas de credito sobre o Pais e Estrangeiro — Compra e venda de coupons, notas de Banco, moedas de ouro e prata estrangeiras — Ordens de Bolsa Lisboa-Porto e todas as prazas do Estrangeiro — Empréstimos com garantia de títulos — Empréstimos hipotecarios sobre propriedades urbanas — Cobrança de rendas e administração de propriedades — Guarda de títulos.

NOVIDADES LITERARIAS

Do livro "A' luz do Cruzeiro"

do professor Bento Carqueja

TRANSCREVE-SE

um interessante capítulo

Não longe da *Casa do Castelo*, residia uma família de lavradores remediados.

Agricultavam terras suas e terras que tomavam de arrendamento.

Os seus processos culturais resentiam-se da rotina; mas iam-se modificando, prudentemente, com o emprego da tarara, do arado de ferro, do es-carolador e de outras máquinas agrícolas.

Manuel Gomes, o chefe da família, era uma homem de grande corpulência, de hábitos simples, como os de todo o lavrador minhoto, que passa a vida a amanho das terras e a cuidar do gado. De fisionomia aberta, faces guarnecidas de pequenas suliças, um sorriso permanente nos lábios, dir-se-ia afluír-lhe á fronte a limpidez da alma bem formada.

No arranjo da casa, assim como nos trabalhos agrícolas, era auxiliado pela esposa querida, mulher infatigável que parecia formada para companhia de um homem de tão incessante actividade e tão apurado brio.

As aspirações máximas de um e outro resumiam-se nas venturas de dois filhos, Manuel, o mais velho, e Maria, a mais nova. Nem um, nem outro se dispuseram a seguir a profissão agrícola dos pais.

Estes, antevendo, compreendendo e respeitando as inclinações dos filhos, trataram de lhes dar uma preparação literaria.

Manuel demonstrou, desde criança, faculdades de intelligencia tão prometedoras, que o professor da escola official da freguezia aconselhou os pais a mandá-lo para o Porto, frequentar o liceu, depois de feito o exame de instrução primaria, em que obteve distincção.

Maria foi instruída pela professora official da freguezia e demonstrou também, como o irmão, apreciáveis aptidões intellectuais.

No animo dos ditos pais esboçara-se, como bons minhotos, o plano de que o seu Manuel seguisse a carreira de sacerdotio. A proposito, formulavam as mais radiantes hipóteses:

Que dia de festa o da primeira missa!... Poderia vir a ser abade, sempre rodeado de respeito, tendo a casa cheia de presentes!... Poderia até vir a ser bispo. Não chegara a padre, a doutor e a arcebispo o filho de uns lavradores de Louzada, perto de Famalicão?!... E todas essas glórias se reflectiam nos pais!...

Ao Manuel não sorria, porém, a vida ecclesiastica. Não se sentia com disposição para ella. O seu espirito propendia para a cultura das sciencias de observação e experiencia. Preferia, pois, ser medico e assim o declarou aos pais, que, embora desgostosos, a principio, deram mais uma prova de bom-senso, não contrariando a vontade expressa pelo filho.

O curso de Manuel, na Faculdade de Medicina do Porto, decorreu sempre com o maior brilho, alcançando honrosas classificações nos exames finais.

Por motivo dos estudos, as ausen-

cias do Manuel eram bastante prolongadas.

Quando permanecia na casa paterna, empregava o tempo em longos passeios e tomava parte em caçadas organizadas pelo reitor, que era caçador emérito.

Forçado a passar em frente da *Casa do Castelo*, bastantes vezes se avistava com D. Eponina e com a filha, no patamar do pequeno castelo que ladeava o portão.

Saudava-as sempre, muito respeitosa e affectuosamente, porque eram pessoas veneradas e estimadas pelos pais, e Maria da Luz era amiga predilecta da irmã Maria.

Não lhe passava despercebido, porém, que Maria da Luz o olhava com manifesta insistencia, sobretudo quando acompanhada da mãe, e que tinha para elle palavras de encantadora doçura.

Tantas vezes observou essa insistencia e essa ternura de Maria da Luz, que, um dia, se resolveu a denunciar-se a sua observação e a perguntar-lhe se os olhos lhe mentiam.

A resposta, foi qual não podia deixar de ser, tantas e tão significativas eram as demonstrações dadas: Maria da Luz confessou-lhe, com um ingenuo sorriso nos lábios e em termos denunciadores de notavel confusão, que gostava muito do Manuel, já então quintanista de medicina, aureolado de triunfos academicos.

Maria da Luz tinha então 18 anos: Era uma rapariga esbelta, sem se poder dizer formosa, porque a pronunciada magreza a prejudicava. As suas declarações affectuosas captivavam, dia a dia, o jovem e esperançoso aspirante á profissão de Hipocrates.

Escusado será dizer que as entre-

vistas junto do *Castelo* e ao portão se amiudaram, a despeito da troca de aturada correspondencia amorosa.

Nos dias em que, por qualquer circumstancia, não via Manuel, ou não recebia carta dele, Maria da Luz mostrava-se inquieta, agitada, e, sendo normalmente bondosa e atenciosa para todos, chegava a ter maus modos para as criadas.

A mãe percebeu bem depressa o amor que principiava a radicar-se entre Maria da Luz e Manuel, aceitando com aprasimento a hipótese de ter, um dia, por genro o futuro dr. Manuel Gomes Junior.

Em todo o caso, quiz saber, pela boca da filha, se as suas suspeitas eram fundadas e, ouvindo palavras affirmativas, deu-lhe conselhos que mães carinhosas sabem sempre dar ás filhas, em tais circumstancias.

Principiou por aconselhá-la a que não tivesse grandes expansões com Manuel.

Que não fôsse falar, muitas vezes, com elle ao portão da quinta, porque isso poderia parecer estranhavel ao povo.

Que, finalmente, não se compromettesse a casar com o Manuel, enquanto não consultasse o marido, como era seu dever de esposa, dever que iria cumprir, pelo primeiro paquete.

Efectivamente, D. Eponina escreveu ao marido, dando-lhe conta da inclinação da filha e consultando-o sobre o procedimento a adoptar, não deixando, todavia, de emitir opinião, a tal respeito.

Essa opinião era bastante favoravel á ligação da filha com o novel medico, rapaz elegante, dizia ella, bem comportado, excelente estudante, quasi medico, muito considerado por todos.

Não expediu a carta para o Brasil, sem a ler á filha, que agradeceu á mãe os termos bondosos dessa carta, em expressões de caloroso agradecimento, cobrindo-a de beijos e cingindo-a de agitados abraços.

Não tardou que Manuel soubesse por Maria da Luz da expedição da carta e dos termos amáveis dela. Agradeceu-os á mãe da sua namorada, com as palavras mais vibrantes, colhidas no apaixonado vocabulario de um moço estudante.

Os três passaram a fazer calculos ácerca da data provavel em que poderia estar em Portugal a resposta de Santos e Sousa: Se a carta fôsse por um paquete directo ao Rio, podia levar 15 dias a chegar a S. Paulo e, respondendo o marido immediatamente, dentro de vinte dias poderia chegar a tão apetecida resposta.

D. Eponina, um pouco experimentada nas demoras da correspondencia para o Brasil, não acompanhava o optimismo dos outros. Achava que, se a resposta estivesse dentro de um mês, ou mês e meio, poderia considerar-se rápida.

Decorridos vinte dias, principiou a impaciencia, sobretudo de Maria da Luz e de Manuel.

Passado um mês, a impaciencia transformou-se em ansiedade e Maria da Luz começou a sentir-se abatida, sem vontade propria para nada.

Logo que se completou mês e meio, após a expedição da carta, o desanimo invadiu o espirito dos três e nenhum deles sabia o que pensar, a tal respeito.

Pela sua parte, Manuel tivera o cuidado de informar os pais da declaração de amor que recebera da boca da filha dos *fidalgos* da *Casa do Castello*. A primeira observação dos bons velhos resumiu-se nestas simples palavras:

— Não extranharão elles que o filho de um lavrador pretenda a mão de uma menina tão rica e tão acarinhada?

Manuel esclareceu que D. Eponina viu com aprasimento a sua inclinação pela filha e assim o declarou abertamente, em carta que escrevera ao marido.

— Será bastante, porém — observou o modesto lavrador — a boa vontade da *fidalg*?!...

— Ah, não tenha duvida, meu pai: o brasileiro diz *amen* a tudo quanto a mulher resolve.

— Vê bem, meu filho — observou, do lado, a mãe — não vás malquistar-nos com esses senhores que são muito nossos amigos e que recebem sempre a nossa Maria, como se fôsse filha.

— Não tenham duvidas, a tal respeito — acabou por dizer afoitamente o moço.

E tudo parecia sorrir aos jovens enamorados!...

Faziam os mais doirados projectos; davam largas á sua fantasia, sem presumirem que a mais leve sombra podesse vir a empanar a luminosidade do seu futuro.

BENTO CARQUEJA.

Coçar-se continuamente é d'um efeito deploravel,

porém ás vezes a comichão é tão forte que não podemos conter-nos. Geralmente é um sintoma de enfermidades parasitarias da pele, tão frequentes nos paises quentes. Um frasco de

Mitigal

suprime a comichão e evita ulteriores perigos.

Emprego agradável, pois não suja a roupa e é perfumado. Embalagens originaes *Royal* de 75 e 150 gr.



Sortes grandes? Quer a sorte grande?
só o PINA as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

The Mozambique Industrial & Com- mercial C.^o Ltd.

**Proprietaria de plantações e
fabricao de copra e sizal na
margem direita do rio
Zambeze, Africa
Oriental Por-
tuguesa**

**Endereço Postal:
CHUPANGA -- (Via Beira) -- ZAMBEZIA**

**Telegrafico :
FIBRE -- CAIA**

AS NOSSAS COLONIAS

As missões religiosas da Beira e Chupanga e a sua grande obra

Uma das coisas mais belas que existem em Africa é a acção civilizadora das missões religiosas.

Não ha ninguem que, despido de todos os preconceitos religiosos e filosoficos, e de todas as paixões, não sinta diante do grandioso trabalho realizado por elas, um grande respeito e uma grande admiração.

E' preciso conhecer a Africa, ter sentido as grandes dificuldades que ainda por lá existem, e sofrido as inelencias de toda a ordem em que ella é fértil, para se poder avaliar bem a extraordinaria utilidade nacional das missões e a grande soma de bem por ellas espalhado por todos os cantos coloniais.

Chegar a uma Missão, é para o europeu o mesmo que para o arabe chegar a um «oasis», onde se encontra a agua e o pão, a poisaça e o repouso tão necessarios nas longas viagens. E' encontrar o pomar repleto de apetitosos frutos, a horta verdejante, a casinha branca, lembrando a Patria distante, a capelinha singela, com seus sinos festivos, gritando a alegria da Fé e a necessidade da religião.

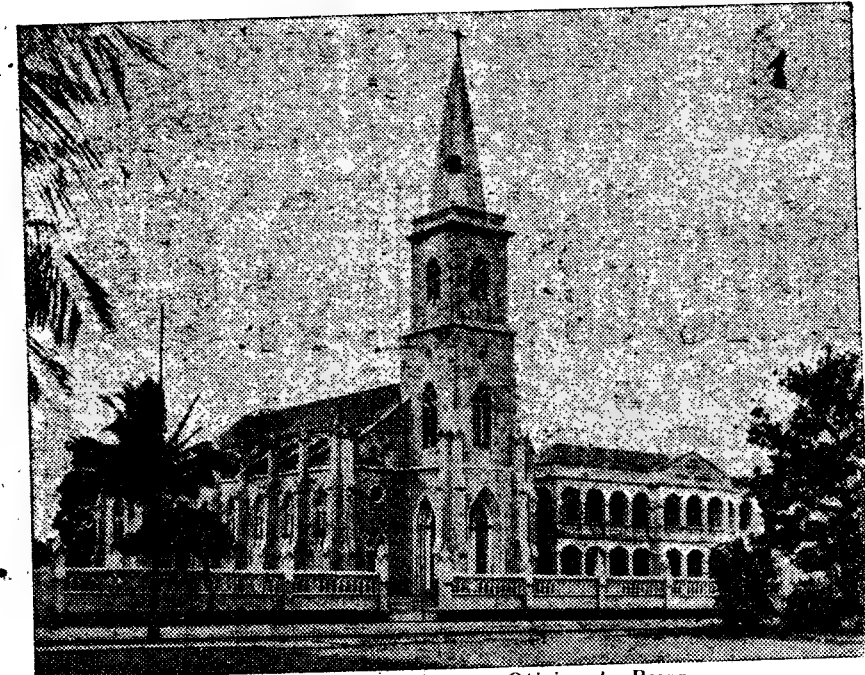
Para o indigena a Missão é muito mais, é o centro donde irradia toda a luz que lhe ilumina a vida e a sua mentalidade rude. O que se faz na Missão, é o que ele faz; o que lá se diz, é o que ele diz, o que ele pensa, o que ele quer.

A volta da Missão gira quasi toda a sua vida sentimental, podendo dizer-se que a capela é para ele a mais sublime concepção do branco, e o missionario o melhor de todos os brancos, o unico branco que lhe faz muito bem sem nada lhe exigir em troca, ou exigindo-lhe muito pouco.

Pode, portanto, avaliar-se a grande importancia que as Missões exercem nas Colonias. Importancia civilizadora, e importancia patriótica.

Todos os missionarios espalham civilização, seja qual for o ponto onde se encontrem. Mas nem todos espalham patriotismo, o nosso patriotismo. E porquê? Porque nem todos servem com zelo e simpatia os interesses de Portugal.

Quer isto dizer que, sob o ponto de



Igreja e Escola das Artes e Ofícios da Beira

vista civilizador todas as missões religiosas são uteis, mais: são necessarias, mas que sob o ponto de vista patriótico nem sempre o são, devido

maiores potencias coloniais, que não obstante o seu passado religioso e civilizador, tem a quasi totalidade dos seus territorios de além-mar sob a in-



Excursão missionaria em Macequece

á origem estrangeira de muitas delas o que indica a grande necessidade das nações coloniais cuidarem com todo o interesse e o maximo carinho do seu corpo missionario.

Ora aqui está um assunto de grande interesse para Portugal, uma das

fluencia de missões estrangeiras, que, aliás, nos têm prestado enormes serviços.

Portugal não tem missionarios!

Quem, despido dos preconceitos religiosos e filosoficos, acima referidos, tenha andado alguma vez pelo inte-

rior de Africa, não pode deixar de sentir, dolorosamente, essa falta.

Como seria bom que os propositos do comandante João Belo, em promover o aumento da familia missionaria, pela situação justa que lhe criou, quando ministro das Colonias, fossem seguidos sempre, e Portugal possesse ter dentro de pouco tempo os missionarios precisos para todo o seu vasto imperio ultramarino!

Vem isto a proposito dos missionarios franciscanos de Moçambique e Sofala, que têm realizado em Africa uma das mais belas obras que por lá existem, tanto sob o ponto de vista civilizador, como sob o ponto de vista patriótico, devido á sua origem exclusivamente portuguesa.

Uma dessas Missões, a de Nossa Senhora do Rosario da Beira, foi fundada em 1898 pelos padres franciscanos portugueses que chegaram á Beira nesse mesmo ano.

Mas foi em 25 de Janeiro de 1900 que ella iniciou a sua grande obra, com o lançamento e benção da primeira pedra para a nova igreja, que é hoje a formosissima catedral gotica, cuja torre domina a cidade e lhe dá a mais alegre e bela nota de civilização.

A catedral da Beira, foi em grande parte (quasi toda a capela mór), construida com pedras da velha e gloriosa fortaleza de Sofala, a primeira que os portuguezes edificaram na Africa Oriental e que o mar desmantelou e enterrou na areia, impiedosamente.

Sofala fica muito distante da Beira, podendo calcular-se, por isso, quão difficil e trabalhoso teria sido o transporte das vetustas pedras da velha fortaleza.

Os padres franciscanos, porém, á quem não olharam a difficuldades nem a trabalhos. Cheios de fé, que a sua religião lhes dava, e de energia, que o seu grande patriotismo lhes inculca, lançaram mãos á obra e não a largaram enquanto não a concluíram.

Mas quanta perseverança foi necessaria para realizar essa piedosa e patriótica obra!

(Ver continuação na 17.ª página)



Homoine—Na catequese



Igreja de Macequece

AFRICA PORTUGUESA

Os padres franciscanos de Manica e Sofala

são todos portugueses

(Continuação da 16.ª página)

A catedral da Beira levou 25 anos a construir, durante todo esse tempo as grandes contrariedades e lutas em que essa notabilíssima construção foi fértil.

Não ha nenhum português, repetimos, que deante da catedral da Beira não sinta pelas missões religiosas e pelos franciscanos portugueses, um grande enternecimento, um grande respeito e uma grande admiração.

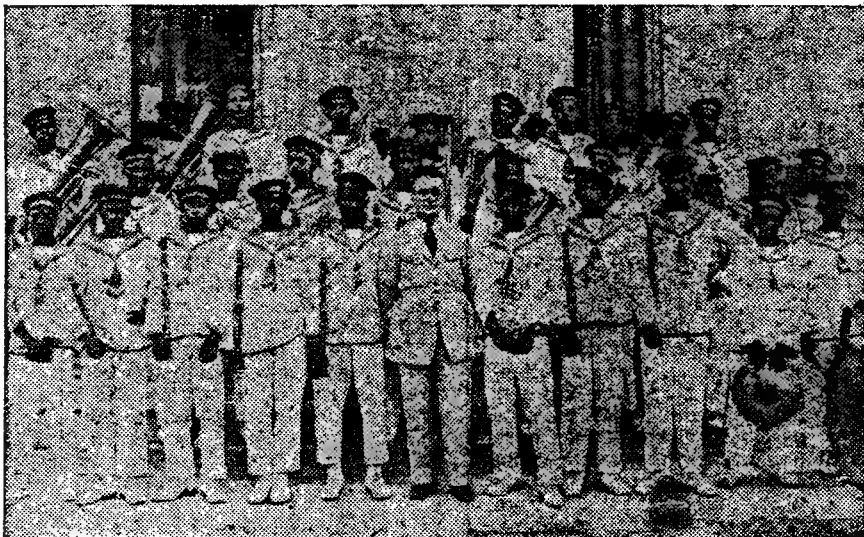
Em 1906, por iniciativa do então padre Rafael de Assunção, hoje reverendíssimo bispo da Colonia, iniciou-se a construção da nova «Escola de Artes e Ofícios», outro belo edificio, que, junto á catedral, forma com ela um belo conjunto architectónico e foi inaugurada pelo principe D. Luís Filipe, quando da sua viagem ás Colonias, sendo também nessa data organizada banda da mesma «Escola», que desde então toca nos jardins publicos, em substituição da antiga banda militar.

A «Escola de Artes e Ofícios» é destinada a educação religiosa, literaria e profissional, dos seus alunos, e tem tido uma media de 80 alunos nos ultimos anos, assim distribuidos pelas diversas oficinas: 30 na alfaiataria, 10 na sapataria, 20 na tipografia, 10 na carpintaria e 10 na serralharia.

Dos alunos preparados pela «Escola» estão, só na Beira, 4 empregados no Observatorio da Companhia de Moçambique, 3 em tipografias particulares, 3 estabelecidos com oficinas de sapataria, 2 com oficina de carpintaria, 4 com alfaiatarias, 20 empregados no comercio e 2 ministrando o ensino a indigenas.

A cargo da mesma Missão está também a Escola Tito de Carvalho, de instrução primaria para o sexo masculino, fundada pela Companhia de Moçambique. A Missão, na Beira, é subsidiada pela Companhia, para a manutenção da «Escola de Artes e Ofícios», e a banda é subsidiada pela «Comissão Urbana», com a obrigação de tocar aos domingos e quintas-feiras nos jardins publicos da cidade.

A Missão possui ainda uma escola nocturna, para indigenas,



A banda da «Escola de Artes e Ofícios»

As Irmãs franciscanas de Maria, que também pertencem á Missão, têm a seu cargo o «Instituto das Irmãs», para educação literaria de raparigas e sua preparação para os trabalhos domesticos, com 70 alunas,

ropeus e indigenas, fundada e mantida pela Companhia de Moçambique.

A mesma Missão possui também



«Deixai vir a mim os pequeninos»

o internato para indigenas, fundado em 1902, a creche, fundada em 1903, e a «Escola Oliveira Martins», do sexo feminino, com secções para eu-

sucursals, em Amatongas e Macequece. A de Amatongas possui uma concessão de 5.000 hectares de terreno, dentro do qual construiu uma es-

cola agricola, que funciona regularmente com 70 alunos e tem prestado optimos serviços.

Em Agosto de 1927 inaugurou ella a sua nova igreja, ficando com os seguintes edificios: igreja, residencia dos missionarios, edificio da escola, dormitorios, ambulancias, etc., etc.

A mesma sucursal tem ainda mais 8 escolas no mato: Sandulo, com 64 alunos, Garambota com 80 e Maveva com 61.

A Sucursal de Macequece possui a igreja parochial, que se deve em grande parte ao general Freire de Andrade, que bastante influenciou na sua construção, e tem a seu cargo a «Escola Freire de Andrade», da Companhia de Moçambique.

A principal actividade da Sucursal de Macequece, exercê-se em escolas espalhadas pelo mato, ao longo da fonteira, onde os missionarios se esforçam por evitar a emigração das populações indigenas para a Rodésia, trabalho este que, conjugado com o das autoridades, está dando optimos resultados, como se verifica no constante aumento dessas populações no territorio português.

A Missão da Beira e suas sucursals, ministram o ensino a 2.225 indigenas.

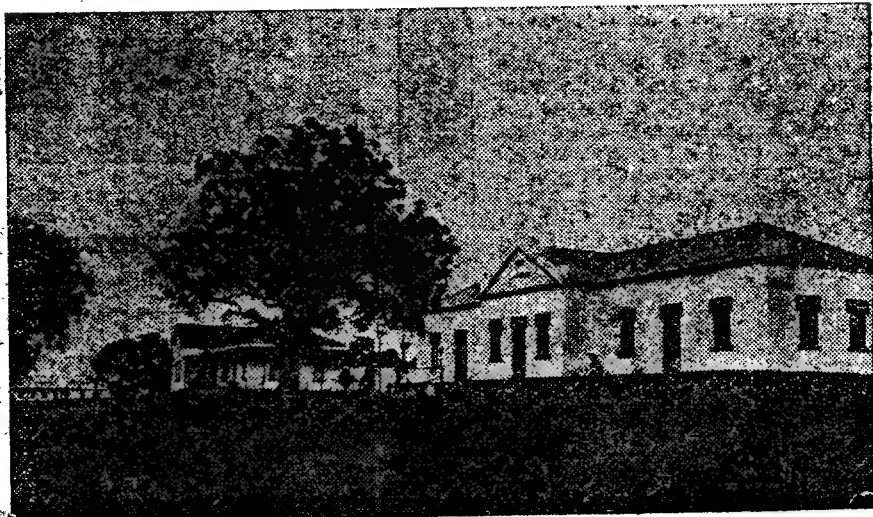
A Missão da Chupanga, criada em Janeiro de 1896, tem também exercido uma grande influencia. Possui uma igreja, oficinas, escolas e culturas, e é muito frequentada pelos indigenas, tanto sob o regime do internato como do externato.

As Missões de Manica e Sofala, como acima se diz, são exclusivamente portuguesas, condição esta que lhes dá a grande vantagem de poderem exercer ao mesmo tempo a sua simpatica missão religiosa e civilizadora e uma grande missão patriótica.

E' de toda a justiça dizer-se que Manica e Sofala é a unica grande região de Moçambique e Angola que se encontra nestas condições, e que isso se deve exclusivamente á Companhia de Moçambique, que não consente pessoal missionario estrangeiro nos seus territorios.



Trabalhos agricolas na Missão de Amatongas



A Missão de Homoina

PROBLEMAS FUNDAMENTAIS

A família não morrerá porque a Natureza

ASSIM O ORDENA

Na Europa como na America, no Japão como na Australia, nas geladas montanhas do Setentrão, como nas abraçadas planícies tropicais, escuta-se um lamento amargo e desconsolador: «A família desaparece». Os sociólogos, nos seus estudos, os novelistas nas suas narrativas, os ensaístas nas suas dissertações, todos coincidem na afirmação pessimista: a família, a verdadeira célula social, a santidade humana, do abade Gamue, é cada dia menos real, menos sólida, vê desmoronar-se as suas bases mais firmes e caminha para a sua total desapareição. Uma geração fria e egoísta desmente a afirmação do velho Lamartine: «—Pode desaparecer o Patriarcado; pode debilitar-se a autoridade do pai; mas a família nunca desaparecerá». Pois, bem: todos quantos vivemos esta época de agitação e de transformação de todos os conceitos e de todos os ideais, temos algumas vezes afirmado, com funda tristeza, que a família desaparece e que do lar tradicional não ficará, dentro de um breve prazo, senão uma melancólica recordação.

Em que fundamos tão desconsoladora profecia? A família tradicional compõe-se essencialmente do pai, da mãe e dos filhos. —Unde pater, mater, filiusque—. Mas era alguma coisa mais do que a soma destes indivíduos; alguma coisa de orgânico, de vivo, tendo fins diferentes dos dos animais de procreação; era a convivência, o afecto, a comunidade de fins e de ideias; era o sacrifício mútuo, o amor, a abnegação, a solidariedade para combater a adversidade e lutar por um futuro venturoso; alguma coisa que resumia todos estes conceitos: o lar.

Mas o lar torna-se incompatível com a vida moderna, activa, febril, industrialista, inquieta. A habitação é cada dia mais reduzida e mais incómoda. O homem não permanece nela senão para dormir e, nem sempre, para comer. A mulher, obrigada a um trabalho cada vez mais intenso fora da casa, não pode atender a ela, e tem que deixar os filhos em mãos mercenárias ou procurar por meios reprováveis, não ser fecunda. Por este caminho, muito em breve haverá pais e mães, porque os humanos continuarão sentindo o chamamento da espécie; haverá filhos esquecidos que, como os citados por São Simão, procurarão na comunidade o seu único afecto; mas não haverá família, isto é, não haverá laços morais, intelectuais e afectivos que unam estes desgraçados seres; não haverá um refugio cordial e cálido contra as fadigas e as contrariedades da vida social. Não existirá, em suma, aquela família que já parece tão insípida e abominável á juventude do presente século e cujas plácidas e inefáveis doçuras se cantaram na «Tardes da Granja» e no «Vigário de Wakelfield».

E' isto um mal? E' um bem, cujo alcance desconhecemos? Neste ponto, não cabe discussão. A desapareição da família seria um mal e um mal tão terrível que não tardaria em segui-la o regresso ao estado selvagem. O instinto grita-no-lo a todos. E, por isso, não ha um só homem conhecedor da vida moderna que não assegure que a família desaparece; mas, não ha um só que, ao dizê-lo, não sinta uma profunda pena, um profundo desencanto, uma tristeza irremediável, um abatimento parecido ao que se sente, lendo-se as profecias apocalípticas.

* * *

Depois duma reflexão atenta, parece-me que o alarme que sofremos é infundado. A família, não a união do varão e da fêmea, mas a verda-

deira família, o agrupamento orgânico, afectuoso, fecundo, a que dá character ao lar, não pode desaparecer. Todo o animal necessita dum ninho ou dum refugio amável, e o homem não pode ser uma excepção neste capitulo. Ha já muito tempo, em fins do século XVI, Miguel de Montaigne (*Essais*, III, 5) exprimia-se desta maneira: «O indivíduo não se casa por si, diga-se o que se quiser; casa-se, tanto ou mais, pela sua posteridade, para ter família».

Não basta ao varão, nemé sufficiente para a fêmea, encontrar um par com quem possa satisfazer os seus desejos, nem isso chega sequer para os irracionais. Se fôsse assim, uma vez realizada a cópula, os indivíduos separar-se-iam e abandonariam as suas crias; mas tal não acontece. As fêmeas ovíparas cuidam e aquecem os seus ovos, e o macho sai em busca do alimento de que necessita a sua companheira. Nenhuma mãe no reino animal deixa de procurar para os seus filhos todos os cuidados de que eles precisam. Mais prazer do que em gerar (a não ser em casos monstruosos) sentem os humanos em tratar da sua descendência, em adornar a sua casa e em fazê-la amorosa e confortável. Enquanto os seres humanos não percam a sua condição humana, a família permanecerá, e a privação dum lar, dum afecto e dum sacrifício a realizar será a dor mais profunda que pode sofrer o ente nascido duma mãe.

A tendencia natural das pessoas que contraem vínculo matrimonial não é, ao contrario do que se julga, a infidelidade, mas a conservação da fé prometida. Um observador que fez profundas experiencias nos presos, Hafstrom *Om Saeligh* e *as forh hoden i det danske Folk* diz: «Apesar das pessoas caídas sob a acção da justiça provirem, evidentemente, das camadas íntimas da Sociedade, a sua correspondência mostra, a meu de, quão fieis e pacientes são a maior parte das esposas, enquanto os seus maridos sofrem o castigo dos seus crimes... Por sua parte, a maioria dos presos casados, por maior que seja a sua degradação, permanecem, apesar disso, unidos pelo amor ás suas esposas e aos seus filhos e é surpreendente observar como a sua opinião acerca das mulheres difere, quasi sempre, profundamente, da dos presos não casados. O matrimonio demonstra-lhes depressa que a mulher tem uma importância e um valor muito diferente do ser apenas um instrumento de sensualidade do macho.

A mesma observação se fez em Espanha, num conto famoso—«La chucha»—tão belo que para o fazer, segundo se diz, se uniram dois grandes talentos: Vicente Blasco Ibañez e D. Emilia Pardo Bazan.

Diz-se que o essencial no matrimonio, e, portanto, na família, é a monogamia e que a vida moderna tende para a poligamia, e mesmo para a,

ainda mais funesta, poliandria. Na verdadeira família, a comunidade de pesares e de sacrificios aproxima mais os conjugues do que a época ridículo dos seus primeiros amores. A sua simpatia mútua torna-se mais intensa. Julgam-se tanto mais responsáveis da conservação do laço conjugal, quanto não é só o seu destino proprio, mas também o futuro de varios seres indefesos, que dependem da sua seriedade e do seu dominio de si mesmos. São palavras de Hofding, que podiam ser referendadas por qualquer Santo Padre. Na vida moderna das grandes cidades esta convivência é impossível. Vive-se na rua, e a rua não pode ser lar, e, sem lar, a família desaparece.

Achamo-nos, pois, em frente de uma antinomia, que parece insolúvel. Por um lado, é evidente que os seres humanos não podem viver sem constituir uma família, excepto em casos singularíssimos, e com grande pesar dos proprios. Não ha celibatário que, no fundo da sua alma, não deplore, algumas vezes, sê-lo. Por outro lado, a vida moderna torna, efectivamente, cada vez mais difficil constituir um lar e contrair matrimonio monogamico, e, ainda mais, indissolúvel. A cerca desta contradição podia escrever-se um livro muito volumoso. Com as lamentações que isto suscita em toda a parte podia formar-se uma biblioteca maior que a de Alexandria.

Mas, deixando de parte a solução de tão pavoroso problema, eu querria que todos quantos lessem estas palavras se fixassem num interessante detalhe. As causas que ordenam que o ser humano procure a família, e que esta subsista, são naturais e permanentes; as que tornam difficil encontrar uma casa e manter a prole são artificiais e contingentes. Tem que haver família, porque a Natureza o ordena. Torna-se impossível pela injustiça e pela torpeza dos homens, e por uma defeituosa organização social. Não é mais lógico supor que o que desaparecerá é esta miserável organização e que não serão as leis naturais que se anularão pelas imposições dos donos de industrias, de propriedades e de cheques?

Pensem nesta ultima hipotese os pessimistas. Nós, os que confiamos nas Causas Eternas e no proprio destino, preferimos afirmar a primeira,

ANTONIO ZOZAYA

(Colaboração especial para o «Diario de Lisboa»).

DR. MIGUEL DE MAGALHAES

Monitor da clinica de Necker — Paris

RINS e vias urinarias — Venereologia e sífilis. — T. N. de S. Domingos, 9, 1.º ás 15 horas — Telefone 5205 N.

DR. DRUMMOND BORGES

— CLINICA MEDICA — DOENÇAS PULMONARES RAIOS - ULTRA VIOLETA

Rua Garrett, 74, 1.º — Telefone C. 2186 A's 3 horas

Dr. Armando Narciso

CLINICA MEDICA

P. dos Restauradores, 48, 1.º

Telef. 5756 N.

Dr.ª Adelaide Cabette

Doenças uterinas. Consultas ás 14, Praça dos Restauradores, 13, 2.º — Tel. N. 357.

URODONAL
anti-reumático**CHRYSLER****CONCURSO DE ELEGANCIA**DOIS MODELOS CHRYSLER IMPERIAL APRESENTADOS
5 E 7 LUGARES
E DOIS PREMIOS OBTIDOS1.º PREMIO 10.ª categoria
3.º PREMIO 8.ª categoria

A. BEAUVALET

Rua 2.ª de Dezembro, 137
LISBOA

CORREIO DA EUROPA

Os filmes de Paris

VISTOS
pelo nosso redactor cinematografico

A APRESENTAÇÃO
CORPORATIVA DE
«QUARTIER LATIN»
—DOLORES DEL RIO
EM «LA DANSE ROUGE»
—INICIAÇÃO NO
FONOCINEMA — OS
FILMES SONOROS,
ARAUTOS DUMA
NOVA ARTE

Em Paris, onde um público menos exigente e bem mais numeroso do que o nosso paga sem pestanejar vinte francos por um fauteuil, permitindo todas as iniciativas, desde há muito que é praxe apresentar os filmes pela primeira vez numa sessão denominada corporativa, para a qual são distribuídos convites à Imprensa, aos realizadores, aos negociantes cinematográficos, aos artistas, e a todos aqueles a quem a firma distribuidora tem interesse em obsequiar. Assim, não só grangeia uma publicidade segura e inteligente, como também permite aos compradores internacionais a visão do filme nas melhores circunstâncias ambientais: numa grande sala, com uma grande orquestra e perante a mais selecta assistência.

Munidos do nosso convite, lá fomos até ao «Théâtre des Champs-Élysées». Depois das formalidades morosas da locação, conseguimos entrar. Casa cheia, cheia com o melhor que há no meio cinematográfico parisiense. Espectativa. Nos corredores discute-se. Os eleitos que foram convidados para a última prise-de-vues na Gare de Lyon dizem-nos maravilhas. No camarote da Sofar, Carmen Boni, quasi guardada à vista, conversa com André Roanne, Genina contém a custo a indiscreção prematura dos jornalistas.

— Está contente com o seu trabalho?

— Não.

E acrescenta:

— Eu nunca estou contente.

Emfim, a penumbra, o silêncio. Na tela começa a acrobacia gráfica dos letrados de abertura. Quando surgiu o título, — uma verdadeira *trouaille*, um verdadeiro *firo* — a claqué da Sofar começou logo a aplaudir. Achámos cedo demais...

Quartier Latin — todos o sabem — é o bairro dos estudantes, em Paris. Maurice Dekobra, autor do argumento, localizou nele a acção do filme. E o tema que desenvolveu, tema de amor banal, mas delicado, bem servido de sentimento e de alegria, é a aventura de um jovem milionário apaixonado por uma rapariga da Sorbonne. Não queremos contar detalhadamente o entrecho do filme porque, a nosso ver, isso apenas prejudicaria o seu futuro interesse. Mas não resistimos à tentação de apontar, como inuteis reflexos da cosmopolitomania do autor, a aparição inevitável em Dekobra de uma princesa russa, de uma agência de viagens, de um *viveur* desencantado e de uma partida para a Veneza dos seus encantos. De resto, as cenas iniciais — os preparativos para uma ida ao *Bal Bullier*, em que o ambiente da *Vie de Bohème* de Mürger é assegurado com mestria, de forma que o primeiro anacronismo resulta perfeitamente — são lisonjeiras para a sua imaginação.

Augusto Genina é bem conhecido em Portugal. Carmen Boni também. Todos viram *Rapariga ou rapaz?*, *Adeus, juventude!*, *Cuidado com o telefone!* Todos admiraram a perfeita conjugação do realizador e da interprete, ambos eles repletos de delicadeza, ternos sem pieguice, correctos sem puritanismo, sobrios sem sécura. *Quartier Latin* completa sem desdouro a série anterior, quer pela sua realização, duma segurança técnica invulgar em filmes europeus, apurada, expondo com a maior clareza o curioso enredo, quer pelo seu desempenho. Algumas cenas, como as da gare, as do hospital, a comunicação telefonica no café, transportaram-nos mesmo a uma emoção digna de nota, a que não foi estranha a actuação de Carmen Boni e de Ivan Petrovitch, que se reabilitou aos nossos olhos — nem a admirável adaptação musical... As cenas no *Lido* e no *Bullier* são animadas e grandiosas, sem exageros prejudiciais. Gina Manès, a

princesa dos olhos fascinantes, Gaston Jacquet, Helga-Thomas e os outros *parlétaires*, vivem com simpático acerto os seus papéis. E tudo isto é servido por um suavíssimo e profundo trabalho fotografico.

A lamentar ha apenas o pasticho inofensivo mas perfeitamente dispensavel da ceia de Charlot na *Quimera do ouro*, tão célebre como a ceia de Leonardo da Vinci — e tão inimitável como ela...

Mas todos ficaram satisfeitos. E á saída, no meio dos encontros e dos *pardons*! cortezes, ouvimos dizer a um critico conhecido, de que não queremos revelar o nome porque se pode desmentir depois: — *Voilà du bon film. J'aime. Chaupeau bas...* E um japonês de brinco, de grandes óculos, de franja e de sandálias, sorriu — e disse que sim com a cabeça.

Era Fujita.

* * *

Nós não gostamos muito de Dolores del Rio. A sua personalidade híbrida, entre a ingénua e a mulher fatal, embora inconfundível — não nos prende. O seu género, sem ser definido, não possui a maleabilidade que poderia transformar em mérito o defeito apontado. É uma *vamp paysanne*, duma estranheza pouco convincente. Vêmo-la num primeiro papel, interpretando-o com sinceridade, sem cabotinismo, sem deficiências que justifiquem a nossa antipatia — e os nossos olhos, sem querer o procuram a protagonista...

Isto é tanto assim que os seus ensenadores não ousaram nunca introduzir nos *casts* em que figura Dolores del Rio qualquer outro papel feminino de importância. É uma estrela. De acordo; mas é uma estrela fácil de eclipsar.

Ainda gostámos menos de *La Danse rouge*, o filme que vimos ha dias no *Paramount* do Boulevard dos Italianos — um grande cinema, luxuoso, confortável, mas a cuja nitidez de linhas não corresponde uma grande segurança de gosto decorativo, pecando, á maneira americana, por falta de unidade.

La Danse Rouge inspira-se, como tantas outras *movies*, nos costumes aristocráticos da velha Rússia. Lá vimos a sedição histórica de tirano, mas com uma variante apreciável: desta vez o tirano é muito bom rapaz, simpático, atraente, galanteador... Emfim — o protagonista, Charles Farrell, que desempenhou o papel, não ultrapassou a invejável fronteira do seu trabalho na *Hora Suprema* e na *Fragata Invicta*.

Como realização, *The Red Dance* nada adianta para a evolução do gosto americano. *Ça sent le décor* — como se diria aqui, em França. É preciso porém assinalar alguns *travelings* seguros, as iluminações cuidadas e a montagem das cenas da revolta, muito prejudicadas por uma tintagem vermelha insuportável. Como simbolo, é deficiente e, como efeito, é detestável.

No meio de tudo isto, um grande actor: Ivan Linow.

Uma nova arte

Quando ouvimos falar pela primeira vez na possibilidade de sincronizar a

VÃO VÉR

HARRY PEEL
contra **ARSENE DUPIN**

no **CENTRAL**
cinema

reprodução dos gestos e dos sons, a nossa primeira atitude foi de repulsa e de temor. Defensores ferrenhos do silêncio, clamando contra os ruidos chamados imitativos e dispensando mesmo ou, melhor, aniciando por dispensar a adaptação musical, nós, os que procurávamos no cinema, não a reprodução permanente do teatro, mas sim a sua abstracção, renegamos a tentativa para muito longe dos dominios cinegráficos, a cuja individualização artistica aspirávamos.

Sem deixar de reconhecer, o que seria ridículo e insensato, o interesse científico da descoberta, julgamos poder negar a priori o seu alcance como arte. O cinema — dissemos — possui desde já todos os elementos de que carece para ser uma arte. O movimento visual que constitui a sua essência é-lhe necessário e suficiente. Introduzir no cinema novas coordenadas é retrogradar a sua evolução para o Perfeito. A audição é tão estranha ao cinema como a visão é estranha á música. Da sua conjugação só podem resultar produtos híbridos, incompletos, imperfeitos. Procuremos o Belo na pureza, na limpidez do Bom!...

Esqueçemo-nos da emoção.

E hoje, depois de ter assistido aos primeiros ensaios de fonocinema, balbuciantes, mas tão cheios de promessas, sem riscar uma só das frases alinhadas, obrigamo-nos a reconhecer no novo invento as condições para não só o considerarmos, como também confiarmos que dele poderá surgir uma nova e grande arte, não sabemos se superior, se inferior, mas diferente das que se conhecem.

Na hora solene da sua implantação junto das outras manifestações humanas, o fonocinema deveria escolher para divisa a frase de Jean Jacques Rousseau, que é também a nossa divisa: «*Si je ne vaux pas mieux, au moins je suis autre*».

* * *

Os dois espectáculos de Paris a que o publico pode actualmente *aller voir et entendre* um filme, no «Aubert Palace», e no «Cinema Magdeleine», reúnem todos os elementos para um jornalista estudioso ajuizar dos resultados, das aspirações e das possibilidades das imagens animadas e sonoras. No primeiro triunfa o *Vitaphone* da Warner Brothers; no segundo o *Movietone* da Gaumont-Loew-Metro.

Antes do «Cantor de Jazz», cinco curtos filmes nos mostraram tudo aquilo que o fonocinema deve e não deve registar. Primeiro, a Orquestra Filarmonica de Londres interpretou a abertura de «Tannhäuser». E o fonocinema revelou-nos o a-b-c da orquestração fonovisual, detalhando os valores instrumentais em evidência, saltando dos conjuntos para os planos aproximados dos solistas. A mesma teoria nos foi depois exposta com maior clareza ainda na audição do Jazz Gus-Arnheim, admiráveis virtuosos da sincopação. A camara de filmar, diferenciando os planos, aproximando o instrumento condutor, incidindo sobre a expressão deste ou da

quele executante, detalhando o jogo fisionómico do cantor do estribilho — ensinou-nos o alfabeto duma nova arte, ajudando-nos a compreender melhor o que é contra-ponto e harmonia. Quere dizer: a Musica não é prejudicada pelo fonocinema! Era uma primeira — e uma grande conquista.

O intermedio comico dos Frères Arnaud, *clowns-siffleurs*, levou ainda mais longe a nossa iniciação. Da projecção sonora libertavam-se novos efeitos humorísticos, graças á possibilidade cinegráfrica da mudança e plano visual, da variação constante de proporções — á montagem, enfim. E o que falha, o que é insuportável, o que é desolador — e a simples fixação duma scena teatral, como o «*Ridi-pagliacci*», de Leoncavallo, que Martinelli canta admiravelmente — mas representa como é costume representar-se nos palcos das operas, e o «Canto dos Barqueiros do Volga», em que meia dúzia de russos, agarrados a uma corda, despejam sempre no mesmo plano, como Martinelli, a preciosa joia do *folklore* eslavo. Segunda conquista: o fonocinema é alguma coisa de superior á reprodução do teatro.

* * *

Já tivemos ocasião de apreciar *O Cantor de Jazz* como filme mudo. E desde logo, pela simples audição dos discos de Al Jolson, tocados por um gramofone durante as respectivas scenas, apesar de todas as inevitáveis deficiências de simultaneidade, compreendemos que ao filme mudo que nos apresentavam *fallava qualquer coisa*. Agora, que o vimos completo, mais claras se tornaram as razões dessa sensação. *The jazz singer* foi feito para ser exibido com o fonocinema. A apresentação isolada do esqueleto visual é, necessariamente, incompleta. E não se avalia a emoção que experimentamos em ouvir Al Jolson cantar nas suas devidas alturas, justificadas pelo desenrolar prévio das imagens, comentadas por uma adaptação musical inexcédível de acerto e de poder descritivo, o *Kol Nkrey*, o *Mother of mine*, *Dirty hands*, *dirty face!*, *Mammy* e esse admirável *Blue Skies*, entrecortado pelo diálogo comovedor com a mãe, que só por si representa toda uma obra fonocinematográfica. Terceira conquista: o fonocinema produz obras individuais, indecomponíveis, próprias.

Os filmes que precedem *Ombres blanches*, filmados pelo processo *Movietone*, são inferiores como assunto escolhido, como perfeição técnica e, portanto, como efeito, aos que citamos. De uma forma geral, levam-nos, porém, ás mesmas conclusões. Mas *Ombres blanches*, maravilhoso poema cinegráfico, saído das mãos e do cerebro de Van Dyke e de Flaberty, em que um dos mais inteligentes argumentos que vimos exosto em imagens, se alia á mais perfeita das fotogenias e á uma excelente interpretação de Monte Blue, Raquel Torres e Robert Anderson, alcançou para o fonocinema a sua mais brilhante conquista: o fonocinema não prejudica nem restringe as qualidades cinegráficas da partitura visual!

White Shadows in the South Seas é uma obra prima de cinema mudo — que em nada é prejudicada pela sincronização harmonica dos sons. *Dunque*, o Fonocinema, diferente do Cinema, compatível com a perfeição musical, compatível com a perfeição visual, capaz de produzir obras próprias, inconfundíveis e incomparáveis — é uma nova manifestação artistica digna de admiração, de estudo e de interesse. Para que o Fonocinema seja uma arte, falta-lhe apenas uma coisa: — um homem de génio.

Antonio Ribeiro

Banco de Portugal

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 13:500.000\$00

SEDE-Rua do Comercio, 148-LISBOA

CAIXA FILIAL no PORTO

Agências em todas as capitais dos distritos administrativos do Continente e Ilhas dos Açores e Madeira na Covilhã, Figueira da Foz, Guimarães e Lamego e Correspondências Privativas em Elvas, Estremoz, Loulé, Moura, Oitão, Portimão, Torres Vedras e Vila Real de Santo Antonio

Correspondentes nas principais terras do País e mais importantes praças do Estrangeiro

OPERAÇÕES—Descontos, transferencias, empréstimos e credito em conta corrente, compra e venda de cambiais, cartas de creditos sobre praças estrangeiras, depositos de dinheiro e valores e todas as transacções que pela natureza especial da sua instituição lhe são permitidas

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada — BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Séde: Rua do Comercio — LISBOA

Capital Realizado: Esc. 50.000:000\$00

Reservas: Esc. 49.000.000\$00

Filiais e Agencias no Continente — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Covilhã, Coimbra, Évora, Elvas, Extremoz, Faro, Figueira da Foz, Guimarães, Guarda, Fundão, Lamego, Leiria, Ovar, Portalegre, Portimão, Penafiel, Porto, Regua, Santarém, Setúbal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Santo Antonio, Vila Real de Trás-os-Montes e Vizeu.

Madeira-Funchal.—Açores-Angra do Heroísmo e Ponta Delgada.—Cabo Verde-S. Vicente e S. Tiago.—S. Tomé-Príncipe—Guiné-Bissau e Bolama.

Correspondente e Agente Geral em Angola e Congo Belga: BANCO DE ANGOLA, com Filial em Loanda e Agencias em Cabinda, Novo Redondo, Benguela, Vila Silva Porto (Bié), Malange, Lobito, Mossamedes, Sá da Bandeira (Lubango) e Kinshassa (Congo Belga).

Africa Oriental-Beira (Agencia), Banco da Beira, Lourenço Marques, Tete, Moçambique, Inhambane, Chinde, Quelimane e Ibo.—India-Bombaim, Mormugão e Nova Gôa.—China-Macau.—Timor-Dili.—Brasil-Rio de Janeiro, Pernambuco, S. Paulo, Pará e Manaus.—Inglaterra-Londres.—França-Paris.—Estados-Unidos da America-Agencia em New-York.

Operações bancarias de toda a especie no Continente, Ilhas Adjacentes, Colonias, Brasil e restantes países estrangeiros.

COFRES FORTES PARA ALUGAR

Banco Lisboa & Açores

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

FUNDADA EM 1875

Capital Esc. 10.000.000\$00

SEDE EM LISBOA: Rua Aurea, 88

Telefones Central n.ºs 1793, 1794 e 1795

FILIAL NO PORTO: Avenida das Nações Aliadas

Telefone n.º 93

Principais operações

Depositos á ordem e a prazo
Descontos—Cobranças—Transferencias para Provincias, Ilhas, Açores e Madeira
Compra e venda de cheques e letras sobre o Estrangeiro
Contas correntes com juros em Escudos ou moeda estrangeira
Cartas de credito sobre o País e Estrangeiro
Compra e venda de coupons, notas de Banco, moedas de ouro e prata estrangeiras
Ordens de Bolsa Lisboa-Porto e todas as praças do Estrangeiro
Empréstimos com garantias de titulos
Empréstimos hipotecarios sobre propriedades urbanas
Cobrança de rendas e administração de propriedades
Guarda de titulos

BANCO DO MINHO

Fundado em 1864

— Capital Esc. 10.000.000\$00

Reservas Esc. 10.314.848\$07

SEDE EM BRAGA

Filiais em Lisboa e Porto

— Agencia em Guimarães —

Correspondentes em todo o país e estrangeiro

Operações Bancarias, Cambiais e Ordens de Bolsa
Cofres Fortes para alugar na Sede e Filiais

ECOS DA GRANDE GUERRA

O soldado Manuel Moriz

entre o rigoroso dever do serviço

e a negra miséria da mãe

Nunca eu entrei no meu quarto de aboletamento, tenda, barraca ou abrigo, que não encontrasse o Manuel Moriz, meu penúltimo impedido na Grande Guerra, alegre, jovial e na melhor disposição de espírito. Folgazão por temperamento, tinha o inextinguível vício do canto e do assobio.

Com largo tempo de permanência na primeira linha, onde experimentara as sensações mais fortes da guerra, já a guerra o não apouquentava, como a princípio, nem o silvo das granadas ia agora alterar aquele feitio, imperturbável, de canário.

Ainda eu me achava longe do modesto ou improvisada aposento, e já o gorgoejo do Manuel Moriz, enquanto procedia ao *ménage*, me chegava melodiosamente aos ouvidos. Bota que engraxasse ou correia que limpasse, devia a operação invariavelmente ter o acompanhamento de modas, que o Manuel Moriz aprendera em Portugal e que, saudosamente, lhe deviam evocar a doce atracção da sua aldeia, o viço dos milharais ou a pandega das romarias.

Só a minha presença fazia interromper, por algum tempo, a melodia. Mas, costas que voltasse, e logo a cantilena de Manuel Moriz alegremente continuava.

E habituára-me áquilo. Com aquele canto e aquele assobio, eu não trocava aquele alegre impedido por outro. E' que, com aquela exteriorização de alegria, produto do temperamento e que traduzia o sonho duma futura felicidade, eu tinha n'ele um dedicado e leal companheiro.

Habituara-me a ele, como ele se habituara a mim. E tanto me habituara á abnegação e ao gorgoejo do Manuel Moriz que, sem ele, a minha vida seria mais monótona e até mais pesada. Humilde e submisso, tinha no cumprimento do dever a regularidade dum cronómetro. Era ele que, nos dias de marcha ou de serviço matutino, pela manhã me despertava. Muitas vezes ouvia-o, já longe, na sua longa cantilena. Aproximava-se, interrompia o gorgoejo, entrava na ponta dos pés e, depois de abrir a janela ou de afastar o pano da tenda, a meia voz anunciava:

— Está nublado.

E assim tinha eu no Manuel Moriz a dupla qualidade de despertador e de barómetro. E depois, nas longas marchas, eu confiava ainda no Manuel e no seu desenvolvido espírito de providência. Bastava indicar-lhe a hora da partida. A' hora precisa, sem recomendação, sem mais aviso, a valise achava-se preparada e sem que nada lhe faltasse. O seu primeiro cuidado incidia sobre a máscara para que, durante os bombardeamentos, ela me não faltasse. Ele próprio me procurava e se aproximava de mim.

Um dia, num estacionamento; notei que dum carro abandonado, que ficava próximo da minha barraca, partia a voz maviosa do Manuel Moriz. Estranhei e indaguei o caso. Como de obrigação, nada mais natural nem mais razoável: E' que o Manuel Moriz, ficando ali, achava-se mais agasalhado, mais independente e mais próximo da minha vivenda. Dois panos de tenda tapavam as fendas e os buracos do carro; e dentro do carro, um móvel de palha e duas mantas constituíam o recheio.

Naquele estacionamento, era aquela a gaiola do canário. E era naquela gaiola onde o canário dormia, onde se refugiava da neve, e onde muitas vezes respondia aos ruidos da guerra com o seu melodioso canto ou com o assobio.

Aldeia de Witternesse, próxima do Aire; fim de Fevereiro de 1919. Fora assinado o armistício e discutira-se a Paz em Paris. O batalhão que eu comandava, pelo seu numero, tarde re-

gressaria a Portugal. No entanto, a vida corria agora bem, numa aprazível tranquilidade. A dois passos dos locais sangrentos da luta, recordávamos agora a luta, como visão terrível que os nossos sentidos tivessem experimentado. Com o som das detonações ainda nos ouvidos, começávamos agora a Paz com todas as vantagens da Paz. E por isso que desde o armistício os estacionamentos se não faziam já em tendas, nem em casas arruinadas. E, naquele ultimo estacionamento da Flandres, coubera-me no aboletamento um quarto razoável, bem posto, onde não faltavam o *edredons*, os *bibelots*, os cortinados. Ficava num primeiro andar, e era o aposento mais central dum pequeno e alvejante *chalet*. O pior era o frio, o flagelante frio, que naquele razoável quarto fazia. E' que pela unica janela, voltada para o norte, jámais um unico raio de sol entrara. Através dos vidros húmidos via-se, em baixo, um pequeno parque ajardinado, circundando a casa, e onde a neve se amontoava; á frente, o enorme portão de ferro que dava acesso ao parque; e lá ao longe, para além da povoação, a vista perdia-se no vasto lençol de neve, que, numa intensa tonalidade de arminho, preguiçosamente se estendia para além de S. Quentin e de Blessy. Árvores desfolhadas, em renques, como humildes soldados submissos, enfileirados, curvavam os ramos esguios ao péso implacável da neve, outras vezes da geada. Quarto frio; paisagem triste.

Mas neste intenso frio do quarto, com a visão da Sibéria ao longe, a previdente dedicação do Manuel Moriz jámais me abandonava. Era ele que todas as manhãs acendia o fogão, e que de noite mantinha o fogão aceso até que me deitava. Com aquele impedido podia chover, ventar, e a neve cair ás carradas, que jámais se teria frio. Julgava-me feliz. Porém, um dia, começou a toldar-se a minha felicidade. Numa macilenta manhã daquele mês, notei que o Manuel Moriz subia a escada com qualquer coisa de anormal no seu gorgoejo. Depois de apressadamente ter acendido o fogão retirou para o fundo da escada. E aí, no patamar, livre, sózinho, de escova na mão e enquanto lustrava o calçado, cantava mais, com mais gosto e com maior variação de modas. Por vezes ria, monologava, e imitava o som dos morteiros desde o ponto inicial até á ruidosa explosão nas trincheiras. «Que bicho te morderia hoje?!...» — pensei eu.

Fui para a secretária. Achava-se já a correspondência vulgar aberta pelo ajudante. Tudo normal. Só na Ordem da Divisão se determinava que podiam regressar a Portugal as praças que satisfizessem a determinadas condições. E de tarde, tendo recolhido a casa, apareceu-me o Manuel Moriz, sem que o esperasse. Vinha atoeado, luziam-lhe os olhos, e levava na mão uma porção de cartas.

E, como se toda a neve da França caísse sobre mim e me esmagasse, assim o ouvi falar:

— Meu comandante, peço-lhe que arranje outro impedido. Tenho família que precisa de mim, achando-me por isso nas condições de regressar a Portugal.

— E era por isso que tão alegremente cantavas esta manhã, grande ingrato?!... Pois eu também alegremente te digo que não vais, porque te não deixo ir. Que poderão dizer essas cartas?!... Mentiras, só mentiras... Sim, porque eu sei quanto vocês inventam para nos comover, e para nos forçar a conceder aquilo que vocês desejam. Um soldado conheci eu, que, para obter uma dispensa do recolher, descaradamente afirmou que tinha o pai a morrer; e afinal o pai tinha ainda mais saúde do que eu tinha. Não basta só dizer; é preciso provar. Pois deixa ficar as cartas. Hei-de levar dois, três, quatro meses para indagar a verdade. Só tarde, muito tarde, irás pois para Portugal.

Voltei as costas, fingindo que me aquecia ao fogão. E, durante a excitação que me dominava, quasi que me passou despercebido que o Manuel Moriz descia agora a escada, sem canto, silenciosamente, talvez a chorar...

Passou-se o dia seguinte, sem que entre mim e o impedido se trocassem duas palavras. A sua dedicação e o seu cuidado por tudo não diminuíam. O seu gorgoejo, porém, é que de todo acabara. Agora, como se uma intensa dor o atormentasse, tudo fazia serenamente, calado, pensoso, numa infinita tristeza a humedecer-lhe os olhos.

Eu mesmo estranhei e senti pesadamente aquela mudança. E, impressionado por aquela tristeza e porque a minha consciência se impunha, ao fim do segundo dia leio as cartas. Era noite. No fogão, as ultimas brazas lentamente morriam; lá fóra, o vento, com um furor de tragédia, exaltadamente gemia. Eram longas as cartas, como longos são os artigos em que pretendemos bem exprimir toda a nossa miséria ou toda a nossa amargura. E resumindo toda a essencia e todo o assunto das cartas, numa só carta, me aparecia isto: — «Uma mãe doente, viúva, miserável, que implorava os braços do filho, do unico amparo que tinha, para não morrer de fome, para poder viver. Como que exprimiam as cartas um brado de desespero pela sorte, a intensa saudade do filho, e o receio de que até aquele ultimo amparo lhe fugisse e lhe faltasse. Era enfim a mão duma amargurada mãe, torturada pelo Destino, humildemente estendida á doce caridade do filho. «Filho, já não sei como hei-de viver. A doença a mesma. Mal me chega para pão o dinheiro que me dão por tu andares na guerra. Parece-me que nunca mais

nos vemos. Ficarás tu de todo na França?... Morrerei ao abandono, e já morro de dor só em pensar que nunca mais te vejo...»

Deitei-me. E pareceu-me então que todas aquelas cartas pesavam horrosamente sobre mim e me esmagavam. Como se quizesse fustigar-me, o vento bramia agora como louco, e vinha arremessar a sua fúria contra as paredes da casa. Apareceu-me ainda em sonhos aquela mãe miserável. E levantei-me, no dia seguinte, como se despertasse dum pesadelo, e com o assunto das cartas dolorosamente na imaginação. E, ainda nesse dia, a minha mão não hesitou. Nunca eu escrevi com mais gosto, como então, ao firmar a minha assinatura nos documentos que o meu dedicado companheiro devia levar para Cherburgo, a fim de embarcar para Portugal. Já, enfim, desaparecer da alma do Manuel Moriz aquela nuvem negra, que tanto o desalentava.

Abalou na manhã do dia seguinte. Mal a tenue claridade do dia começava a luzir no quarto, ouvi-o subir morrosamente a escada. Fingindo que dormia, ouvi-o abrir a porta e entrar na ponta dos pés. E, mesmo com a janela cerrada e pensando em não me acordar, silenciosamente acendeu o fogão e silenciosamente saiu. Era aquele o ultimo serviço que prestava. Para mim, aquele relógio tão regular, tão acertado, dava, enfim, a ultima badalada. Levantei-me. E, passado algum tempo, ouvi-o subir novamente a escada. Era a hora da despedida. E aqueles ultimos passos, lentos, vagarosos, que pela ultima vez ouvia, deram-me a dolorosa impressão de que alguém havia morrido, ali, naquele quarto, e de que iam naquele momento buscar o cadáver. Apressadamente peguei num livro. E, antes que ele entrasse, já eu me achava sentado ao fogão, de costas para a porta, fingindo que lia. E, depois duma pequena espera, como que o ouvi, num murmúrio:

— Meu comandante...

— Bem sei, partes hoje. Adeus, só feliz.

— Mas o meu comandante talvez não lesse as minhas cartas, e eu queria explicar tudo.

— Já sei, és amparo de mãe. Li tudo. Olha: aí estão as cartas em cima da mesa, com alguns francos que te posso dar para a viagem.

— Mas, meu comandante eu queria que não levasse a mal a minha partida.

— Percebi-lhe a intenção. Ele queria que eu me levantasse, que me voltasse, que o fitasse franca e lealmente, para que também ele me fitasse, e me pudesse ver no rosto o que na minha alma se passava.

— Mas, meu comandante...

— Adeus, adeus, só feliz.

Nada mais respondi. Fingi mesmo que me desinteressava da despedida, concentrando mais atenção na leitura. Houve uma dolorosa pausa. E por fim, com um sentimento de densa amargura a dominar-me, ouvi-o silenciosamente sair, e descer, pela ultima vez, a escada. Levantei-me então mais livre daquela violenta opressão. Achava-me, enfim, só, e livremente entregue ao domínio da saudade. Agora, só, e sem que tivesse de envergonhar-me diante do soldado, podiam, enfim, avolumar á vontade as duas impertinentes lagrimas que, durante a despedida, me começaram a humedecer os olhos. Cheguei á janela, e tentei ainda vê-lo, sem que ele me visse. Já tinha desaparecido. Dele só restavam as pégadas, que havia feito na neve, desde a porta do *chalet* ao grande portão da herdade.

PAES MAMEDE

HOTEL ROYAL
EM SEVILHA (PLAZA DE S. FERNANDO)
de 1.^a ordem
O mais bem situado no Rocio de Sevilla
O preferido pelos portugueses — O que liga a
comodidade do preço á excelencia do serviço

A NOSSA LITERATURA

O conto "Uma noite tenebrosa"

do novo livro de Mario Azenha

INTITULADO

"Dragão das Hasperides"

Quando Rodolfo veio a si, naquele café boêmio em que se encontrava sem saber como, circumvahou o olhar estranho, irresoluto. E da mesa ruidosa de noctivagos, perto dele, levantou-se uma cocote esgrouveada a qual, apontando-o, chifrinou, por entre as gargalhadas tórpas da assembleia:

— Já a curaste ó ginja!

Rodolfo não compreendeu a alusão grosseira. E dando com a presença do amigo que sentado, a seu lado, sem deixar de fitá-lo, o encorajava num sorriso, murmurou estreitando-lhe a mão:

— Obrigado!

— E então?

— Já passou. Não sei... não sei explicar...

— Confesso que cheguei a recear de ti

— Obrigado! Sem a tua intervenção...

— Agradece-o á Providência. Passei a noite de vela no Hospital. Regressava a casa, moro aqui perto, como sabes, quando o creado do café me chamou esbaforido: — Sr. dr. venha depressa, está lá um homem que parece morto.

E aqui tens explicada a minha presença.

Mas agora pergunto: que fazias tu a esta hora aqui. Tu, o Rodolfo que todos nós conhecemos, morigerado nos hábitos e nos costumes. Com franqueza, não compreendo!

— E' simples. Eu te explico. E depois de levar o lenço á testa, inundada de imaginário suor, começou, lentamente, ganhando alento — como sabes, tendo andado de mal a peor...

— Os nervos do costume. Tu não os deixas oxidar...

— Tenho-me deitado cedo, evitado comoções. Hontem, depois de jantar, passei pelo café. Um adeus de fugida aos amigos do costume — e recolhi a casa. Eram 10 horas. Deitei-me logo. Não me sentia mal, isto é, quando entrei no quarto, notei ali qualquer coisa de particular, um certo mal estar. Não liguei ao caso, que levei em conta das atribulações do meu espirito.

Apaguei a luz. Nas trevas, então, aquele mal-estar tomou proporções espantosas, aterradoras. Estive assim, sei lá quanto tempo! os olhos, a esbarratarem-se-me no vacuo, recusavam fechar-se. a revolver-me na cama, agitado, febril, impaciente, dominado por secreta angustia e á tratos com aquela obsessão inexplicável!

Ha um silencio. Rodolfo bebe novgole daga.

— Por fim, desisti. Acendi a luz. Fiz então reparo. A criada, por descuido, certamente, deixara na mesinha de cabeceira o despertador. Eu não posso, durante o sono, tolerar o mais leve rumor do quer que seja. O tic tac dum inofensivo relógio de algibeira perturba-me, aflige-me, quanto mais o metralhar isochrono dum velho despertador.

Levei dali tão modesta companhia, e deitei-me de novo, disposto a descançar. Dormir, podia eu lá dormir! o relógio, de facto, estava no outro extremo da casa, não se ouvia — mas aquele tic tac horrível subsistia a mordiscar-me os nervos, não me largava a imaginação exaltada!

Encolhia-me na cama, revolvía a rou-

pa, conchegava-me a ela, como se tirasse de frio; enterrava a cabeça nas almofadas e quanto mais procurava isolar-me — do exterior, através a roupa, mais nitida e inquietante sentia a quí-zilia maldita, o relógio a trabalhar.

Finalmente, prostrado, numa quasi inconsciência de fadiga nervosa, adormeci.

Mas estava escrito. Esta noite devia ficar-me memorável.

Acordei esmagado por horrível peso. No delírio do sonho via a casa de meus pais, a velha casa onde eu nasci, devastada pelo fogo. Vi — *sim eu vi*, com uma nitidez objectiva que me encheu de calafrios! — que minha mãe e minha irmã, num supremo desespero, tentavam alcançar uma janela e caíam asfixiadas, já envoltas pelas chamas.

Depois... depois o fragor sinistro de um desmoronamento sepultando-as nos escombros.

Horror! Horror! Tudo isto "eu vi! Tu do isto "eu ouvi!,"

...Calou-se, esboçando um gesto violento como a expulsar de si uma visão dolorosa. Estava transfigurado. Arquejava. Tinha nos olhos, encovados no semblante tragicamente descomposto, o pavor da catástrofe; com os dedos magros, nervosamente esguios, puxava e repuxava o cabelo em desalinho como se boiasse em agua revolta.

Cabisbaixo, o amigo, estatuava-se em silencio.

— Excitado vesti-me e abalei, continuou. Andei por aí como louco, pela cidade adormecida, alheio a tudo, mergulhado em medonhos presentimentos. No fundo deles persistia — lá estava, implacável como um remorso! — o ritmo, mecânico do relógio maldito e a visão macabra do incendio.

Rompeu a madrugada. Veiu o dia, finalmente. Respirei! Ah! a impaciência enervante com que esperei o dia! Nos bairros afastados, a escuridão das ruas solitárias por onde vaguei, inspirava-me receios patéticos, um medo, um terror como não sei explicar-te. A tudo se

comunicava a acuidade do meu espirito alvoraçado. A cada vulto que lobrigava, cosido com as esquinas, ás vezes a simples sombra do angulo mais saliente de uma parede, afastava-me a passos rapidos, transido, alucinado, picado de vertigens, sem usar voltar a cabeça! Em tudo eu via manejos ameaçadores, inimigos aliciados pela propria sombra cinicamente voluptuosa dos meus sofrimentos e das minhas superstições!

Esperei que abrisse o primeiro café. Dispunha-me a entrar quando, não sei como isto foil senti qualquer coisa como uma pancada violenta na cabeça, varreram-se-me os sentidos, caí.

Novo silencio. Rodolfo estava visivelmente exgotado e a voz, que nos lances proprios sonhara singulares intlexões, ia-se-lhe apagando aos poucos, gradualmente. Espasmos violentos sacudiam-no todo, por vezes.

Os musculos tensos da fisiosomia angulosa e enxuta, caída de palidez, vibravam-lhe — dedilhados por uma acção reflexa impressionante; febrilmente, com a mão brazonada, penteava e repuxava o cabelo em desalinho, como se boiasse em agua revolta.

— Isso é ridiculo, homem, protestou o outro procurando reanima-lo e descancando-lhe amigavelmente a mão no ombro. Sonhos, quem ha que os não tenha tido, bons e maus? Aqui estou eu, olha: quantas vezes me tem acontecido a mim coisa semelhante? Valha-te Deus homem!

— E's o teu peor inimigo, meu velho. E o peor é que te não salvas do ridiculo. Mas, co'os diabos! Deixemo-nos disso! Como te sentes agora?

Responden-lhe um imperceptível encolher de ombros.

— A manhã está linda, olha para isto, continuou apontando a rua. Vem daí. Deve fazer-te bem a fragancia deste ar lavado e tranquilo. E erguendo-se, travou-lhe do braço. Vem daí, desanuviar esse espirito, co'os diabos!

Já na rua, ao lado do amigo a quem segura maquinalmente, Rodolfo caminhava, enovelado em mutismo. Instrumento de dolorosas cogitações, de nada lhe serviam as generosas expansões do amigo que procurava todos os pretextos para distrai-lo.

A manhã esplendia — estava, com efeito, formosissima. Dir-se-ia vista em relêvo — através a magia policroma dum cristal. Uma dessas manhãs lisboetas, unicas no mundo, mornas e quietas, de colorida transparencia, em que apeetece sorver o ar todo, com delicia, dilatar nele os pulmões e a vida — voluptuosamente.

Ledo, infantil, o sol ensaiava os primeiros passos, desenastrava a cabeleira fulva — que escorria, como chuva de oiro, das cimalthas do casario mais alto, acendendo reverberações metalicas nas vidraças.

Na rua, assás concorrida, porque os dois homens tomaram, nas imediações do Mercado, cruzavam-se com eles gentes de todassas castas e matizes, que dão á cidade matutina uma segunda fisionomia mais expressiva, posto que menos europeia e moderna, menos Rue de La Paix: do operario apresurado e confiante a caminho da oficina, á creada lèpida e assenhorada;

Da governanta durazia e rotunda, devota de Santo Hilario, á ovarina garrida, de linhas bruscas e loquela afiada, do pregoeiro de cautelas e bugigangas, á costureira de lume no olho e requebrado gaiato, passando pelo *topa-a-tudo* enciclopedico armado em Grandela ambulante — todo um enxame efervescente de colmeia operosa, com seu quinhão de esforços no laboratorio imenso da cidade industrial!

Lá dentro, no vasto edificio do Mercado, como uma velha caixa de musica estropeada, ia um côro algazarrento a prolongar-se em vaga de rumor que se alteia e vêm morrer cá fóra — no tumultuar da calçada.

A espaços, clangoravam automoveis; campainhavam electricos; rugiam portas onduladas, estrugiam vozes soltas, alaridos incoerentes que não se sabe donde vêm e que, por entre o *brouhaha* cittadino — são como certas ondas intrusas que a telefonia sem fios regista; e no ar virginal da manhã, palpitante de ritmos e de claridades, subia de mil bocas e em mil tons o pregão dos *ardinas* — preludio duma orquestração variada e confusa, que traduzia vida intensa e febril dos nossos dias!

Em dado memento, Rodolfo deteve-se. Sacudiu-o violento tremor.

E' acometido de novo ataque — desmaiou nos braços do companheiro.

Friamente, á margem do cabeçalho e num italico vistoso dos grandes acontecimentos, o jornal que ele momentos antes comprara ainda fresco da tinta de impressão, noticiava:

... No violento incendio que esta madrugada, em F..., destruiu o sôlar da familia Val Daires, pereceram a sr.^a D. Amalia Val Daires e uma sua filha, que momentos antes da derrocada foram vistas a uma janela debatendo-se com as chamas...

Mario Azenha

Armazens de Moveis do Calhariz

de Paixão Carvalho, Ltd.

Estofadores e Decoradores

Com oficinas proprias

Fabricantes de Maples de todos os modelos forrados em peles, damasco, veludo, cretones, etc.

Especialidade em Otomanas e colchões de molas

Moveis em todos os estilos

Oleados, carpetes e tapetes

27, LARGO DO CALHARIZ, 27 — Telef. T. 805



SENA SUGAR STATES L.^{DA}
AVENIDA DA INDIA

O TURISMO

O porto de Lisboa

é o mais vasto do universo

e devia ser

O ENTREPOSTO

de toda a Europa

Na minha usual via-sacra pelos alfarrabistas de Lisboa, deparou-me a Providencia um pequeno opusculo, cujo sugestivo texto, me despertou o interesse da sua aquisição. Recomendava-se "aos portugueses esclarecidos, que desejassem a prosperidade e a salvação de Portugal, feita por métodos que estrangeiro amigo aconselhava".

A publicação desse interessantissimo folheto que, de facto, adquiri por uns módicos três tostões, procede dos truculentos tempos em que, João Franco, o enérgico precursor do sistema governativo que vários estados da Europa hoje adoptam, timonava a tormentosa nau do Estado, no louvável intuito de se remediarem erros que, de longe já, vinham ferindo a Nação.

Foi nesse período histórico, esbôço de um ressurgimento pátrio, que se pretendeu resolver o vital problema dos hotéis, de forma a que, com a certeza do êxito, se pudesse atrair os visitantes, a esta abençoada Terra Portuguesa.

Tendo em todas as minhas crónicas de turismo abordado este magno assunto, e julgando vir a prosa de esta obra reforçar o meu ponto de vista, atrevi-me a, invadindo a seara alheia, publicar uma compilação dos trechos que julgo mais contribuírem para orientar as entidades que superintendem na nossa organização turística.

Depois de, muito judiciosamente, indicar fórmulas financeiras e de fomento, atinentes a restabelecer os créditos interno e externo da Nação, entra esse curioso livro, no almejado tema dos hotéis, antecipando o com um verdadeiro cântico às belezas e aos privilégios desta linda terra lusitana.

* * *

Olhando para uma carta geográfica da Europa, vê-se Portugal colocado nela, como guarda avançada, na sua extremidade ocidental, enfrentando o Novo-Mundo.

Todas as grandes linhas de navegação passam à vista das suas costas; que venham do Mediterraneo, do mar Negro, da Mancha ou do Báltico, tem de contorná-las, para alcançarem a Africa ou as duas Americas. Nessas extensas costas, encontram-se centros de embarque e desembarque, commodos para qualquer trajeto e apropriados para todos os destinos. Se encarmos os seus abrigos, o porto de Lisboa, por exemplo, é o mais seguro e vasto do Universo, praticavel com todo o tempo e todas as marés, e só nos admira, que a famosa Lisboa não se tenha ainda tornado a nova Cartago do mundo marítimo e o emporio cosmopolita, onde se acumulassem todos os produtos da terra, ou do fabrico engenhoso de todos os povos.

Portugal, nunca será demasiado repeti-lo, está, pela sua situação natural, predestinado a ser o grande entreposto de toda a Europa.

Conhecemos todos, a doçura e a amenidade do clima português: temperado no inverno, fresco no verão, assim se nos apresenta este céu incomparavel, sempre moderado pela vizinhança do mar. Enquanto a Espanha, apesar da sua situação na mesma latitude, se cobre de neve, ou é abraçada pelo sol, Portugal, apresenta médias que, em Lisboa, não vão além de 15 graus. E que diversidade de aspectos por esse País fóral. No alto da Serra da Estrela, que se ergue a dois mil metros, encontra-se neve, até Junho. Se descermos para o sul, o Algarve, bem abrigado, faz-nos lembrar o clima norte-africano: a sua vegetação e a sua flora, condizem com as temperaturas, e vão do larício ao algodoeiro.

Os amadores do claro sol, ficarão plenamente satisfeitos, sem serem brigados a ir vê-lo aos confins do Egipto.

Ha ainda a vantagem da vizinhança do mar que independentemente da sua acção reguladora, nos apresenta surpreendentes e dilatados horizontes, e praias de aspectos interessantes e variados, desde as penedias róscas da da Rocha, até às arenosas da Figueira e de Matozinhos.

Demais, a agua representa papel importante em tudo isto, e, sem falar no Oceano, Portugal tem a felicidade de ser regado por quasi todos os rios da península, que são de um pitoresco incomparavel; o sinuoso Douro, o tranqüilo Mondego, o magestoso Tejo, o lendario Guadiana, e tantos outros, que são uma bela e sedutora teia, prodigamente espalhada num tão pequeno espaço.

Do que precede, se avalia do encanto das paisagens portuguesas. Pais algum as tem mais variadas, nem mais coloridas; desde a grandeza alpestre das cordilheiras da Beira, até às planícies viridentes e aos frescos vales da Estremadura. Bastará citar Cintra, Buçaco, Bom-Jesus, Gerez, Arrabida, Palmela e Monchique. Quantas paisagens de maravilha! Quantos panoramas que nos deslumbram!

E, para aqueles a quem a natureza só, não consegue prender por muito tempo, Portugal oferece as suas preciosas obras de Arte, as suas reliquias de Glorias, as suas recordações do Passado, que infestam por todo o chão sagrado desta ditosa Patria.

Todos estes privilégios do génio e da natureza, são muito, mas, menos valem, quando não haja hotéis suficientes e bem instalados que, confortavelmente, possam alojar os visitantes que nos procurem, no desejo de apreciar e de admirar as belezas que possuímos.

Bom exemplo se pode colher na pitoresca Suíça, que encontrou a base do seu desenvolvimento, na industria hoteleira e nos encantos dos seus prados, e onde, junto dos lagos, das montanhas e dos vales, se encontram esplendidos hotéis, deslumbrantes de luz, que visinhas cascatas lhe geram. O mesmo se pode dizer da ridente Riviera, cujo desenvolvimento prodigioso, deslumbra o mundo, e que ha meio século ninguém sonhava que os seus vales e as suas encostas, se tornariam, em tão pouco tempo, em magnificas praças, animadas avenidas e belos jardins, onde igualmente imperam hotéis esplendorosos.

E' certo que Lisboa, para não falar senão da capital, tem hotéis razoaveis, mas só para o movimento ordinário. Esta grande cidade, achar-

se-ia inteiramente desprevenida, perante uma alluência grande de visitantes, principalmente de estrangeiros ricos, cujas exigencias não podem, de modo algum, ser satisfeitas com a organização actual.

Vendo bem e metódicamente as coisas, conclui-se que é necessário criar em Portugal, e, para começar, em Lisboa, uma série de hotéis assás vastos e confortáveis, bem situados, para atrair e poderem conservar uma clientela de luxo, a mesma com que justificadamente contaram, para se enriquecerem, os países hospitaleiros e que sabem receber.

Em 1907, tudo se preparava para ser resolvido este importante assunto, com a aprovação de um bem elaborado projecto do então ministro sr. Schroeter, o qual, entre muitas facilidades, concedia a isenção de direitos de importação, sobre o mobiliario de primeira instalação, e tambem do pagamento de selo, em todos os annuncios e reclamos, publicados com o fim de favorecer e tornar conhecida a empresa que se fundasse; e, quem conhece a maneira rapida como o governo dessa data fazia executar o que aprovava, como nos exemplificam os grandiosos liceus que então, rapidamente, se ergueram em Lisboa, tudo faz crer, que esse assunto estaria hoje arrumado, se dois certos tiros, a isso não tivessem obstado.

Pouco existe nos arquivos que elucide e habilite o cronista a historiar o passado das pousadas lusitanas, e só uma reflexão visionaria poderá idear qualquer descrição minuciosa.

D. Afonso Henriques, audacioso soberano, que, em cinco memoraveis batalhas, venceu denodadamente vinte e dois reis sarracenos, baliando o chão que heróicamente conquistara, com cento e cinquenta templos, não se esqueceu, tambem, de proporcionar aosromeiros e viandantes, confortativa pousada, nos hospícios que arrimara às portadas dos piedosos conventos e mosteiros.

Com o decorrer dos seculos tiveram esses caritativos poisos, sucessivas continuidades nas plebeias albergarias, nos fidalgos estaus, nas hospitaleiras estalagens, nas reputadas hospedarias, e, só no meado do século XIX é que essas pousadas se crismaram com o afrancesado titulo de hotéis. Foi certamente o avassalador progresso, que, substituindo a mala-posta, a diligencia e o veleiro, pelo vapor e pelo caminho de ferro, e, implicitamente, acelerando as comunicações de todo o globo, veio valorizar deveras essas prestimosas instalações, e quando se industrializou a electricidade, que tanto beneficio trouxe a estes organismos, foi

que surgiram, na Côte d'Azur e nas encostas da Suíça, plenos de luz e sumptuosidade, os primeiros Palaces-Hotéis, que logo se espalharam pelas estancias de luxo e pelas grandes cidades do Universo.

Foi nesse ciclo de reformação da industria hoteleira no estrangeiro, que Lisboa, a celebrada cidade, que Voltaire proclamara o primeiro porto da Europa, perdeu seis dos seus mais aristocraticos hotéis, e Sintra, esse eterno retiro da primavera, viu serrarem-se as portas de outros dois, os afamados Victor e Lawrence; e, quando assim, por todo esse vale de lagrimas, resvalaram os hotéis portugueses, foi que acorreram a entrar este declínio, Teixeira de Sousa, Birmingham e Estrade, fundando magnificos hotéis em Vidago, Buçaco e Monte-Estóril.

Depois da perda destes desvelados orientadores, todo o seu esforço se poderia considerar improficuo, se não tivesse encontrado em Alexandre d'Almeida, o seu arrojado continuador; porquanto, quer tomando a direcção dos centralizados hotéis Metropole e Francfort; quer metamorfosando no modelar hotel de l'Europe, uma modesta pensão de familia, quer ainda, transformando num luxuoso Palace, o anterior Hotel da Bussaco, prosseguindo incansavelmente, multiplicando a sua actividade, funda em Coimbra, o elegante Astoria e ergue na Curia o grandioso Palace, um dos maiores da Península.

E' com este positivo valor, que a capital deve e tem de contar, para, com o auxilio dos poderes publicos, de estetas e de capitalistas, conseguir ver realizado um dos mais bellos triangulos de turismo do mundo, para o que, se impõe construir nos respectivos vertices, os Palaces-Hotéis, de Lisboa, de Cintra e do Estóril.

Menção elogiosa merece o Grande Hotel do Porto, que, apesar de construção antiga, remodelando com correcção, conforto e luxo as suas instalações, consegue tornar-se um dos melhores do país, participando de iguais louvores as correctas instalações do Grande Hotel do Parque, no alpestre Gerez, e as recentes construções, dos de Leiria e Vila Real de Santo Antonio, que tão digno exemplo vieram dar, aos organismos regionais portugueses.

Para iniciar esta tarefa, é indispensavel que, primeiro que tudo, se abram de par em par as portas de Portugal, para que por elas entrem livremente, não só os visitantes, como todos os bons ensinamentos que de fóra venham, e, exemplos bastantes podemos já colher na vizinha Espanha que, delineando com arte, em muitas das suas cidades e estancias, magnificos traçados, não hesitou em alinhar neles, em comunidade com outras instalações hoteleiras nacionais, os Palace e Ritz, de Madrid; o Continental, de S. Sebastian; o Real, de Santander, e o Afonso XIII, de Sevilha, hotéis estes de uma grande empresa francesa, igualmente possuidora de Hoteis-Palaces, em Paris, em Lyon, em Bruxelas, em Ardenes e em Nice.

E que fez a nossa castiça vizinha para tanta coisa bela e prestimosa conseguir? O mesmo que se torna preciso, para transfigurar esta privilegiada terra portuguesa: bom gosto, forte engenho e são criterio, e, no apoio benefico e continuo do Governo, encontrar as garantias indispensaveis para começar essa patriótica obra e levá-la a bom termo, para honra de todos nós e dignificação do Turismo em Portugal.

E. Raposo Botelho

SABONETE "OPTIMUS" ST.ª CLARA

Antes de comprarem um sabonete, todas as pessoas devem ter a maxima cautela com a sua qualidade. Um mau sabonete estraga a pele tornando-a rugosa e seca. Um sabonete para ser bom deve ser neutro, não picando na lingua, deve espumar untuosamente e ser isento de humidade. Todas estas qualidades, aliadas ao mais fino e agradável perfume, encontram V. Ex.ª no sabonete

"OPTIMUS" ST.ª CLARA

A' venda em todas as boas casas. Experimentem V. Ex.ª os nossos sabonetes *Rosa Oriental*, *Meissinde*, *Espumante*, *Redondo*, *Miss Portugal*, *Imperio*, *Luxo-ovo*, *Sensitiva* e *Flores exóticas (novidades)* — O nome *St.ª Clara* é a garantia da qualidade. — Depositarios gerais: SOCIEDADE CRUZ SOBRINHO Ltd., Rua do Carmo, 43, 1.ª — Agente no Norte: MAURICIO KUSKI, T. dos Clerigos, 31, Porto.

Companhia de Diamantes de Angola (DIAMANG)

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Com o capital de 9.000.000\$00 (OURO)

**Direito exclusivo de pesquisa e extracção
de diamantes na Provincia de Angola,
por concessão do respectivo governo**

SÉDE SOCIAL: R. dos Fanqueiros, 12, 2.º

Teleg.: DIAMANG

Escritórios em Bruxelas, Londres e Nova York

Presidente do Conselho de Administração
Banco Nacional Ultramarino

Presidente dos Grupos Estrangeiros
Mr. Jean Jadot

Administrador-Delegado Ernesto de Vilhena

Representação e Direcção Técnica em Africa:

Representante
Tenente-Coronel Antonio B. de Mello

Director Técnico
Mr. N. T. Dickinson

Caixa Postal — Teleg.: DIAMANG

Loanda

DUNDO

Lunda

Companhia Geral da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro

(Royal Oporto Wine Company)

Companhia Velha

Fundada em 10 de Setembro de 1756 por Alvará de D. José 1.º, referendado pelo seu 1.º ministro o Marquez de Pombal, que sempre muito se interessou pela Companhia

Possuidora dos maiores stocks de Vinhos do Porto envelhecidos no casco desde 1815.

Grandes armazens e propriedades na região demarcada do Douro; consideráveis depósitos em Gaya, Porto, bem como no seu Depósito de Lisboa.

Os seus vinhos do Porto são considerados, tanto em Portugal como no estrangeiro os melhores e mais finos e as suas marcas gozam do mais elevado credito.

Recompensas obtidas nas exposições a que a Companhia tem concorrido:

Londres 1862 Award «Honoris Causa»

Viena d'Austria 1873 «Fortschritts Medaille»

Philadelfia 1876 Certificate of Award

Paris 1878 Médaille d'or

Paris 1889 Médaille d'or

Chicago 1893 «Award For an excellent Port-Wine»

S. Miguel 1901 Medalha de ouro

Sede no Porto: Rua das Flores, 69

Depósito em Lisboa: Praça dos Restauradores, 14

Telefone Norte 3924

COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital: Escudos-ouro 2.000.002\$50

Libras 444.445

**Arrendataria das Fabricas
de Tabacos do Estado**

Avenida da Liberdade, 16

LISBOA

ELEFONE NORTE 2811

O MELHOR CAFÉ é o d'A Brasileira, Ltd.ª

Casa especial do café do Brasil

Venda á chavena:

A BRASILEIRA, Chiado
A BRASILEIRA, Rossio

Venda a retalho:

7, Rua 1.º de Dezembro, 8
Rua Garrett, 120

Vendas por junto:

NO ESCRITORIO
Largo de S. Domingos, 11

TELEFONE NORTE 5520

BANCO DA AGRICULTURA

188, Rua de S. Julião, 198

2, Rua Nova do Almada, 10

LISBOA

Todas as operações bancarias

SERVIÇO DE

COFRES FORTES

Sistema «ARNHEIN»